

de volta!

MULHERIO

Ano IV, nº 16, São Paulo, maio/junho 1984, Cr\$ 1.500,00

CORTESIA

**CORA CORALINA,
JUQUERI,
OLIMPIADAS,
UMA
LOUCURA!**

NOIVA
DAS
DIRETAS





vamos que vamos!

Ou:
voltamos
que
voltamos!

MULHERIO — 2

Depois de sete meses fora de circulação, oi nós aqui trá vez! **Mulherio** está de volta, com esperanças novas, com desejo de uma vida longa e saudável. Está de volta igual e diferente.

Em busca de um espelho real

Mas por que voltar? Durante dois anos e sete meses — de março de 81 a outubro de 83 — **Mulherio** foi publicado, atingindo, através de assinaturas, mulheres e homens de todos os Estados do País. Fato raro na imprensa alternativa, teve uma periodicidade regularíssima — de dois em dois meses, lá estava o jornal chegando a seus leitores. Principalmente leitoras, que encontravam em **Mulherio** um ponto de informação, reflexão e debate sobre a mulher brasileira. Ou um contraponto aos outros órgãos da imprensa, que em geral tratam a mulher de um modo esquizofrênico: as

revistas masculinas mostram a gente nua; as revistas femininas, de avental; os jornais diários, no mais das vezes, nos reduzem à total invisibilidade (a menos que sejamos "estrelas"). E a mulher real, onde é que está? Aquela que usa avental e também fica nua? Aquela que está buscando conciliar o avental com a cama, a vida em casa com as exigências da profissionalização, tudo isso junto com a dura barra de sobrevivência que todos nós, mulheres e homens, e mais as mulheres que os homens, estamos enfrentando neste Brasil de hoje de inflação a 240%, e ainda por cima sem as diretas já?

Essa mulher real, mulher em transformação, em movimento, estava em **Mulherio**. Um jornal que, é bom lembrar, nunca foi porta-voz de nenhuma tendência do movimento político ou do movimento feminista. E que, com autonomia

garantida, pôde tratar com abertura e sem dogmatismos os vários temas.

Essa experiência de dois anos e sete meses foi interrompida em outubro de 83, porque já nascera com um tempo de vida limitado, como um dos vários projetos de pesquisa desenvolvidos pela Fundação Carlos Chagas aqui em São Paulo. Quando a Fundação retirou seu apoio financeiro, o jornal parou de circular.

Ele volta agora principalmente porque, ao anunciarmos nos dois últimos números o fim próximo, recebemos uma calorosa manifestação de solidariedade de centenas de leitores de todo o País, de cidades grandes e de cidades pequenas, de gente "importante" e de gente anônima, de mulheres e de homens também.

Foi isso que nos motivou a continuar tentando. Sem recursos próprios, buscando apoio em agências internacionais

que financiam projetos ligados à promoção da mulher. E recebemos esse apoio — pequeno em dinheiro, mas suficiente para dar a arrancada inicial nesta nova fase do **Mulherio**.

Constituímo-nos num grupo independente para editar o jornal. É o Núcleo de Comunicações **Mulherio**, uma associação civil sem fins lucrativos que pretende, aos poucos, ir entrando também em outras áreas da comunicação. Estamos em casa nova, compartilhada com mais três outros grupos: a recém-nascida Aurora Filmes, uma produtora de cinema e de vídeo de mulheres; a Raiz Produções Cinematográficas, de Assunção e João Batista de Andrade; e a sede paulista do IDAC — Instituto de Ação Cultural.

A equipe que está diretamente fazendo do **Mulherio** é basicamente a mesma da primeira fase, ampliada. Agora, somos Adélia Borges, Cecília Simonetti, Fúlvia Rosenberg, Inês Castilho, Lilita Figueiredo, Marlene Rodrigues e Vera Soares, junto com muitas outras pessoas que, apesar de não pertencerem diretamente à equipe, estão dando uma valiosa contribuição em trabalho. Pessoas que discutiram a pauta e o projeto do jornal, como Albertina de Oliveira Costa, Michelle Lagnado, Tanya Volpe, Edna Roland, Miriam Chrystus, Leticia Sá Motta, Eliane Robert Moraes, Cynthia Sarti, Zulaiê Cobra Ribeiro, Vera Lúcia Racy, Nair Benedicto, Wanda Nestleher, Ana Figueiredo, Rosiska de Oliveira, Guida Amaral e tantas outras.

Incorporar a "questão do homem"

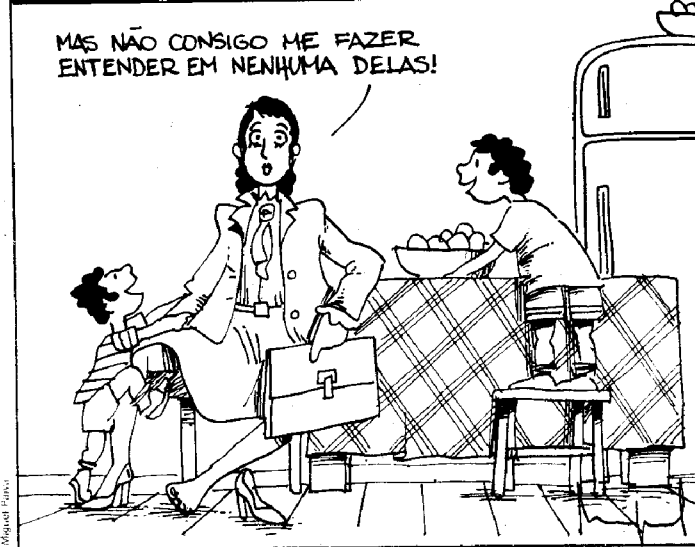
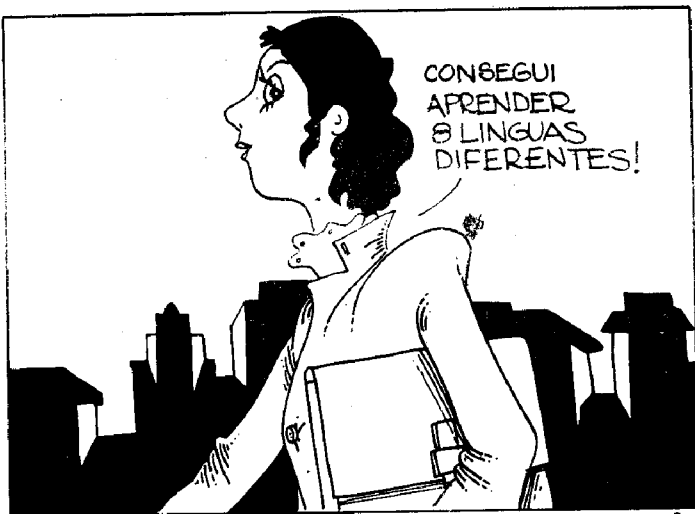
Nós queremos continuar fazendo o jornal igual era antes, na mesma busca de refletir a imagem real das mulheres, na mesma independência frente a grupos. E também diferente. Pretendemos ampliar bastante nosso público, e para isso ampliar a pauta dos assuntos tratados. Pretendemos tratar de nosso cotidiano, e entrar em áreas que, na imprensa, são guetos masculinos, como a economia, a política, o esporte, a polícia, trazendo para aí a visão específica das mulheres.

E pretendemos incorporar no jornal o ponto de vista masculino, pois entendemos que não se pode falar em "questão da mulher" sem falar em "questão do homem". Ou seja: queremos dar, sempre que possível, o contraponto do homem às experiências femininas. Com o movimento feminista, as mulheres mudaram muito nos últimos anos, causando desencontros e perplexidades em si mesmas e principalmente entre elas e os homens. **Mulherio** quer discutir essas relações. Não quer jogar lenha na fogueira da "guerra dos sexos" mas voltar-se para a procura do encontro e do entendimento — sem que, para isso, precisemos retroceder ao tempo em que não havia guerra, apenas um grande desentendimento disfarçado de paz. Tempo de dois mundos muito distintos — o masculino e o feminino, um jogando o desgastante papel de ser sempre forte, outro jogando o frustrante papel de ser sempre fraco (e quanta fortaleza há, por exemplo, no jogo cruel da mãe sempre vítima que abre mão de si mesma pelo marido e pelos filhos, mas cobra deles, a vida inteira, essa estéril renúncia...)

E a crise do feminismo?

Toda essa linha editorial tem a ver com a tão falada crise do feminismo. Uma crise que começou a ser detectada pela imprensa no ano passado, quando a pioneira Betty Friedan lançou o livro **A Segunda Etapa**, propondo, de certa forma, uma volta à família — uma mudança enorme para quem, em 1963, construiu as bases do feminismo americano com **A Mística Feminina**, um retrato doloroso do enclausuramento da dona de casa.

Este ano, um novo lançamento editorial surgiu com grande impacto: a australiana Germaine Greer, que em 1970 escrevera o best-seller **A Mulher Funn-**



co, agora lança **Sex and Destiny (Sexo e Destino)**. Com idéias tão polêmicas como estas: mais vale a castidade que a pílula anticoncepcional; o movimento feminista levou o corpo feminino a estar permanentemente acessível ao homem; os adolescentes de hoje aprendem a praticar sexo como higiene mental, ou algo como escovar os dentes todas as noites.

Mas essa crise não está só nos livros. Está também no cotidiano dos grupos feministas. Aqui em São Paulo, muitas das líderes do movimento, aquelas que organizavam todos os anos as comemorações de 8 de março, agora estão sem motivação para continuar na militância. Um grupo que vinha obtendo grande repercussão na opinião pública, o SOS Mulher, simplesmente acabou. E não é que acabaram os nossos problemas específicos de mulheres. Só para ficar no exemplo do SOS, estão longe sequer de diminuir os estupros, os espancamentos, os assassinatos... O desaparecimento de grupos importantes não ocorre só em São Paulo. **Mulherio** recebeu há pouco uma carta de Aúrea, de Porto Alegre, informando que o grupo Costela de Adão não se reúne há uns dois anos, "por motivo de auto-dissolução espontânea".

Eu acho que isso acontece porque a crise está, na verdade, dentro de nós, no cotidiano das mulheres que poderíamos chamar genericamente de "liberadas". E que nos flagramos agora com um certo mal-estar, desencanto, cansaço com alguns rumos que a "liberação" trouxe às nossas vidas.

Uma coisa é certa. Por maiores que sejam os conflitos, nenhuma de nós parece acreditar que a saída é retornar simplesmente aos scripts de nossas mães e avós. Esses scripts são "seguros", sim, têm a "tranquilidade" das coisas já conhecidas, já passadas de geração a gera-

ção — mas, sabemos bem, não são os nossos.

Os caminhos da dona Maria

Pois em todos esses anos, nós fomos à luta. Saímos às ruas. Conquistamos na marra o direito de transitar cada vez mais em espaços nitidamente masculinos. Fomos estudar, trabalhar fora, fazer política, conquistamos o direito de ter relações sexuais por prazer, e não apenas para fazer filhos. A dona Maria saiu do tanque e foi dirigir carro, fazer esporte, viver. Buscar num espelho a sua face por tanto tempo perdida.

Mas onde é que o carro errou? Certamente há um monte de respostas para esta pergunta, respostas da história pessoal de cada uma e da nossa história coletiva.

Um das pistas para se entender essa situação, me parece, está no fato de que, na verdade, a dona Maria não saiu do tanque. Continuou no tanque, e ao mesmo tempo saiu para fazer todas as outras coisas, num esforço desesperado e cansativo de travestir-se de mulher-maravilha — e dá-lhe culpa não conseguir "eficiência" em tudo.

O aumento significativo do número de mulheres que trabalha fora de casa não foi acompanhado de uma oferta maior de infra-estrutura de serviços por parte do Estado. Ou seja: os filhos continuam sendo "filhos das mães", o Estado não abriu creches e escolas suficientes para seus futuros cidadãos.

Mais do que isso, à entrada das mulheres no "mundo masculino", não correpondeu uma entrada dos homens no "mundo feminino". A execução direta dos serviços domésticos (ou a responsabilidade por eles, no caso de quem tem empregada) continua sendo "coisa de mulher". E conquistas como a "licença-

paternidade" permanecem restritas a casos raríssimos, como o dos professores da PUC de São Paulo.

Esses são fatos objetivos, que não dependem exclusivamente de nós. Mas, para entender os porquês da sensação de mal-estar e desencanto, vale a pena refletir também sobre a nossa subjetividade, sobre o modo com que as mulheres "foram à luta". Um texto publicado na revista feminista belga **Cahiers du Grif** diz que o movimento feminista reforçou a polarização entre o feminino e o masculino, ao incorporando também uma conotação de valor: "Seguíamos uma tendência (que não é exclusiva do feminismo) de assimilar a bondade ao oprimido, pela simples condição de opressão. Postulamos a existência de uma natureza feminina superior e pudemos parodiá-la Jean Jacques Rousseau: A mulher nasce naturalmente boa mas é a sociedade patriarcal que a corrompe. Imputamos às seqüelas dessa sociedade tudo que ingripiava o mecanismo de nossa ação e ameaçava nossos entendimentos."

Contraditoriamente, ao entrarmos no mundo masculino, muitas vezes repetimos o comportamento que criticávamos. Aceitamos as regras de um jogo que já estava rolando. Um sintoma disso é a queixa frequente, de ambos os sexos, quanto à atitude das mulheres em cargos de chefia no trabalho — para provar que são competentes, muitas se tornam mais "homens" (duronas, autoritárias, incapazes de ouvir etc.) que os próprios homens.

"As mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando o lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público, carregando consigo, escondidas, as raízes no espaço privado", diz Rosiska de Oliveira no belo artigo "As pedras no bolso do feminismo", publicado em **Novos Estudos** nº 3, do Cebrap. E, numa dessas, a promessa de igualdade transformou-se "em apenas semelhança, ou melhor, caricatura".

Tirar as pedras do bolso

Explorar essas e outras pistas é o que **Mulherio** pretende fazer daqui para a frente, em artigos, reportagens e entrevistas. Pois nós achamos que toda essa crise é um sintoma de crescimento. "Onde muitos estão vendo o esgotamento e o reflexo do feminismo, eu vejo não o fim do movimento mas o da situação de ambigüidade e a emergência de propostas para sua superação", diz Rosiska.

A situação atual só nos apresenta novas perguntas, e é em cima delas que vamos trabalhar. Explicitar as perguntas, para que possamos refletir mais sobre as respostas possíveis. E continuar na caminhada. Pois "problemas de mulheres" é o que não falta no Brasil de hoje — para citar apenas um, está aí a questão do aborto. O aborto legalizado já é realidade para 2/3 da população mundial, e para isso teve que haver muita luta organizada, uma luta desencadeada pelas mulheres.

Continuar na caminhada porque, se o SOS morreu, surgiu um centro de atendimento jurídico à mulher violentada dentro do governo de São Paulo. Porque, se o grupo Costela de Adão acabou, apareceu o "Mulher dá vida", que já produziu um vídeo sobre trabalho doméstico. Porque, inegavelmente, houve muitas conquistas desde que, em 1975, as mulheres começaram a se organizar no país — e a recente aprovação pela Câmara dos Deputados do novo Código Civil é apenas uma delas.

Continuar na caminhada pensando nos milhões de brasileiras que ainda não se colocam as dúvidas que estamos aqui apresentando, mas apenas começam a imaginar a possibilidade de verem em si mesmas algum valor, "apesar de" serem mulheres. Apenas começam a se verem como pessoas, diferentes, nem melhores nem piores que os homens.

Adélia Borges

Cartas

Fico feliz de vê-las novamente com condições de prosseguir com o **Mulherio**, que nos é tão necessário. Dou aulas de Português num colégio daqui de Campinas. Lá, no ano passado, estudamos o conto "A Moça Tecelã", de Marina Colasanti, que conheci através da publicação de vocês. Discutimos bastante as idéias do conto, e foi muito legal. Assim a gente vai semeando pro dias que virão... Gostaria de indicar pra vocês a leitura de **A Paixão de Conhecer o Mundo**, de Madalena Freire, editado pela Paz e Terra. É um relato lindíssimo da convivência dela com crianças das pré-escola, numa prática escolar libertadora e de expansão filosófica. Se vocês lerem, vão se encantar com a sensibilidade de Madalena. A todo momento há o respeito à individualidade e ao ritmo de cada criança. É a busca da pessoa total. Serve não só pra profissionais de educação, mas pra qualquer pessoa que se disponha a respeitar e estimular o processo de crescimento das crianças, aprendendo com elas muito, muito".

Maria Clarice Sampaio Villac, Campinas, SP

"Que bom que vocês voltaram! Assim: nos "ampliando". Um caminho fértil e feliz. Trabalhei seis anos na Febem, dois como pesquisadora. Assim, aqui já fica registrada minha primeira dica de assunto: a mulher adolescente numa instituição."

Guta Marques Porto, São Paulo, SP

"Senti uma puta falta de ler **Mulherio** esses últimos meses. Tô super a fim de colaborar para que o jornal volte com força total, pois ele é o único veículo de comunicação que fala, questiona etc. as coisas que eu sinto, penso e vivo no dia-a-dia, como ser humano e como mulher. Achei mais incrível ainda **Mulherio** falar também sobre a questão do homem. Entendo que não adianta mais ficarmos discutindo somente entre mulheres algo que diz respeito a uma transformação de ambos os sexos."

Maria Regina S. Mendes, João Pessoa, PB

"Nós, mulheres de Manaus, ficamos muito contentes com a notícia da volta do nosso jornal. Há muito que esperávamos ter de novo o prazer de saborearmos as notícias, informações e o calor das campanhas através do **Mulherio**."

Selda Vale da Costa, Manaus, AM

"O movimento feminista talvez seja a mais importante manifestação social do século, ao denunciar formas de opressão que não se limitam ao econômico. Ao afirmar que o sexo é político, pois também ele contém relações de poder, rompe com os modelos tradicionais de esquerda ou de direita, no fundo muito semelhantes em seu machismo exclusivista, que atribuíam neutralidade ao espaço individual e consideravam a política como uma coisa apenas da esfera pública."

Paulo Ramos Derengoski, Lages, SC

QUEM SOMOS

Equipe — Adélia Borges, Fúlvia Rosenberg, Inês Castilho (edição), Cecília Simonetti (documentação), Lilita Figueiredo, Marlene Rodrigues (edição de arte) e Vera Soares (administração).

Jornalista-responsável — Adélia Borges, registro MTB nº 10.680, SJESP 4549.

Editado por Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amália de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP, fone (011) 881-0081.

Impresso na Companhia Editora Jorruês, rua Arthur de Azevedo, 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone (011) 815-4999.

De janeiro a abril, sucederam-se em São Paulo e outras Capitais as manifestações públicas pelas *Diretas Já*. O que significa a presença das mulheres nesta reivindicação política nacional?



De repente fazer passeata tornou-se um prazer colorido, musicado, emocionado. E a grande participação das mulheres

Direitos, já. Com as diretas.

25 de janeiro. Um quinze mulheres, amigas, feministas, se encontram no Largo de São Francisco carregando uma faixa ainda enrolada. Era feita de pano xadrezinho lilás e branco e dizia "Diretas com direito ao aborto". Na hora de abrir a faixa e começar o trajeto até a Praça da Sé, um medão enorme — de vaias, repúdio. Eu fico vermelha, a Diva pisca os olhos, a Beth sorri: "Vam'borá". Surpresa. Palmas para nós. Que alívio! Mas não foram só palmas. Houve um ensaio de vaias e a adesão de mulheres sozinhas na multidão. Houve discussão. Já na praça, sambando perto da Banda do Pirandello, uma senhora bonita nos dizia: "Eu concordo com a legalização do aborto. Mas isso é pra depois. A luta agora é pelas diretas". O rapaz do lado falou: "Não acho, acho que é hora de pedir tudo que temos direito".

Enfim, a faixa valeu. Estragada pela chuva, outra foi feita para uma data muito especial: a passeata de 24 de fevereiro, em comemoração aos 52 anos de conquista do voto feminino no Brasil, organizada como parte das comemorações do Dia Internacional da Mulher, o 8 de março.

Foi linda, alegre e emocionante a passeata. Ouço dizer que a precariedade do som e a incapacidade que o comando teve de inscrever todas as oradoras potenciais muito contribuiu para o seu sucesso. As palavras de ordem, as faixas, falavam desde contra o programa nuclear à legalização do aborto. Conseguimos transar uma manifestação unitária sim, mas que deu conta das diferenças. Somar na diversidade, opor-se à monocor-

dia imposta, mantendo nos nossos gestos e bocas a grande palavra de ordem que concentra centenas de expectativas: "Diretas, já!"

Depois de tantos atos pró-diretas, contentes com o caráter florido, musical, cênico das manifestações, divertidas e emocionadas com a liberação da criatividade expressa nas roupas, murais, cartazes, palavras de ordem, bonecos, chegaríamos a comentar, como fez Fúlvia Rosenberg: "Pode parecer onipotência, mas acho que esse colorido todo foi uma contribuição nossa, das mulheres."

No 17 de abril a ida a Brasília, a primeira manifestação massiva das mulheres a nível nacional desde 64. Nordesteiras, cariocas, mineiras, gaúchas, paulistas, goianas marcaram pela sua presença no enfrentamento com os Hulk pedessistas uma novidade em termos de pressão: as visitas às casas dos parlamentares contrários à Dante de Oliveira e que tanta indignação causaram aos meios governamentais não foram uma forma de quebrar a rigidez da separação entre o público e o privado?

E logo em seguida o blecaute e a decretação das medidas de emergência, atribuídos à ousadia sem-vergonha das seis mil manifestantes. "Pobres de espírito aqueles que responsabilizaram as mulheres pelo estado de emergência", diz Amelinha Telles, da União de Mulheres de São Paulo. "Na verdade já ensaiavam o estado de emergência, quando a polícia federal retinha nas barreiras os nossos ônibus com destino a Brasília."

Mas a prova decisiva da adesão das mulheres à luta pelas diretas aconteceu na noite do barulho, o 24 de abril. Os



A denúncia levada à escolinha.

primeiros sons das panelas me trouxeram um friozinho de angústia no estômago, um aperto no coração e uma vontade de chorar. Diferente do choro que sempre ensaio nas passeatas e atos quentes. Quando peguei a frigideira e a colher, entendi: era a memória do Chile, quando as *momias* e os *momios* estimulavam o *cazarolazo* como forma de repúdio ao governo da Unidade Popular.

Mas as panelas e as buzinas também me lembraram Brecht: "Há muitos objetos em um só objeto". A panela, símbolo da escravidão feminina, se transforma num instrumento de ação política, feita na janela, limite da casa com a rua, do pessoal e do político. E as buzinas? Quando é que esse regime ia imaginar que os produtos da indústria automobilística, pilar do modelo econômico, forneceriam a possibilidade de um protesto desgovernado, contra o qual o Nini Cruzes não sabia o que fazer?

Fico imaginando que na manhã do dia 25, ao pegar as panelas e ver os estragos causados na bateção, muitas mulheres tenham sorrido, lembrando como foi gostosa aquela bateção. Aquela cumplicidade que fez com que vizinhos de anos se falassem pela primeira vez.

Diretas já! Agora mais que nunca! No sábado seguinte à votação, depois de assistir Jango, ouvi uns gritos e vi que desciam da Dr. Arnaldo grupos de amarelo. O coração acelerado, pensei: "Mais uma!" Quando chegaram à Consolação, percebi que não se tratava das diretas, porque só havia homens. Era a inauguração do estádio do Pacaembu. Se no futebol somos poucas, na política não há engano.



... trouxe às ruas uma nova força: as crianças, que também querem votar para presidente

Um movimento de todas as cores

Depois de três anos separadas, a campanha pelas diretas fez com que as entidades e grupos do movimento de mulheres de São Paulo se juntassem para produzir ações unitárias. Rompidas desde o III Congresso da Mulher Paulista, em 81, nos encontramos em janeiro. Mudadas, cada uma de nós, mudou o movimento.

Agora temos um Conselho da Condição Feminina no governo estadual, temos várias parlamentares eleitas. E não temos muitos grupos feministas, uns acabaram, outros entendem sua militância de outro jeito, mais circunscrito.

Viva as diretas! Ó luta boa, ampla, mágica, capaz de abarcar D. Terezinha Zerbini e a União de Mulheres, a Federação Paulista e as mulheres do movimento negro, sindicalistas da CUT e da CONCLAT, petistas e marchadeiras.

E eis que surgem posicionamentos contrários a que as mulheres saiam às ruas para berrar contra o regime. Estas seriam manifestações mistas, não femininas. (Fantasiada de super-avançada, essa posição não lembra o discurso castrense autoritário que durante esses vinte anos pregou que aos estudantes caberia estudar e, mais recentemente, participar dos problemas universitários, que aos trabalhadores bastavam os sindicatos...?)

Sem dúvida este bloco formado nas diretas (Movimento de Mulheres Pró-Diretas) não abarca nem de longe todos os grupos de mulheres, nem mesmo na Capital. Mas expressa uma possibilidade de ação unificada em função da diversidade enfeixada em seu perfil político e social. Essa possibilidade de ação unificada se garante se for mantido o espírito que prevaleceu de janeiro a abril: queremos ser donas de nós mesmas, não donas do movimento de mulheres.

Ethel Leon

Resta muito a fazer. A nós, feministas, a todas as mulheres. Não apenas manter o pique das ruas, mas discutir nossas propostas para o futuro governo eleito, para a Constituinte que de certo virá. Nosso anseio amplo das diretas deve-se traduzir em propostas que nos digam respeito, não importa quem seja o presidente, não importa se nos separarmos partidariamente na campanha.

Aquela faixa das "Diretas com direito ao aborto" sugere muitos temas de discussão quanto às mudanças políticas do país e aos rumos do movimento de mulheres. Levada no peito e na raça, ela levanta dúvidas: é certo privilegiar as ditas questões específicas, vinculando-as às lutas políticas mais globais? Devemos privilegiar a participação política como um dado de nossa cidadania? A experiência de países europeus em que as mulheres lutam contra a corrida armamentista serve de exemplo para nós, nesse sentido? Ou será que aqui e agora coisas tão elementares como salário igual para trabalho igual, que nos soam um chavão ultrapassado e um caminho economicista, restrito, são ainda reivindicações importantes?

Enfim, não nos basta o que já aconteceu. Conquistadas as diretas, como ficarão as milhares de mulheres que saíram de casa e que, a partir dessa experiência política, formaram grupos ou mesmo expressaram individualmente anseios de todo tipo?

Esse imenso potencial, esse porre cívico que nos fez ir sem medo às ruas, não só da repressão policial, mas seguras de que não corriamos risco ao voltar para casa altas horas, não pode nos deixar desprevenidas quando for formulado o novo pacto social. Diretas e direitos já!

Ethel Leon



... e também a Brasília, por seis mil mulheres de todo o Brasil.

Cynthia Brito — F4

MULHERIO 5

**DIRETAS
DIRETAS
DIRETAS**

DIRETAS, SEMPRE

(ou: A entrevista que
não houve)

Diante do impacto que o filme *Jango* vem causando, pensamos o óbvio: entrevistar Maria Tereza e Denise, viúva e filha do último presidente constitucional, deposto pelo golpe de 64. Depois de algumas tentativas a entrevista foi marcada, no Rio de Janeiro. Mas na hora agá, me dizem que Denise foi para Paris. O que terá feito com que tenha se esquivado do *Mulherio*, mandando dizer que não estava?

Além de não render tanto quanto a grande imprensa, em termos de divulgação de imagem, *Mulherio* traz já no título a sua definição: é coisa de mulheres, e isso pode ser ameaçador. Porque sugere uma fala mais profunda, para além dos papéis sociais.

Jango, o homem

Denise parece vir a público com o propósito de desempenhar o papel de boamenina-filha-de-bondoso-pai. "Vontade de fazer alguma coisa para resgatar a presença de meu pai na História", diz ela, a respeito de sua participação no filme de Silvio Tendler, do qual é co-produtora. E isso parece legítimo. Mas ao mesmo tempo ambíguo: onde as contradições deste homem, os conflitos da filha com o pai? E esta é uma crítica também a *Jango*, o filme, que revela um homem apenas generoso, sem apontar suas contradições e compromissos políticos.

O filme é realmente emocionante, com a memória de tantos sonhos sepultados pelo golpe de 64. Mas personalizar em *Jango* nosso desejo de prazer político pode ser perigoso — perigo que se torna mais claro ao ver no *Olho Mágico* (Abril Vídeo, São Paulo, 29/4) João Vicente Goulart, o filho deputado (PDT/RS), dizer que "é preciso encontrar o legítimo sucessor de Jango". Quero votar já e livremente para presidente, e penso ser esse o desejo de todos. Sem essa de legítimo sucessor.

Maria Tereza

Todas nos lembramos, nas conversas que tivemos preparando a entrevista que não houve, de como Maria Tereza foi uma imagem forte em nossa infância ou adolescência. "É mais bonita que Jacqueline", dizíamos, numa típica competição feminino-colonizada. E de como nos doía (ao mesmo tempo em que provocava um prazer perverso) ouvir os boatos sobre sua conduta. O que me faz pensar, hoje, que esta é a forma clássica de atingir a imagem de um homem público: destruindo a "honra" de sua mulher. Como lembrou a cientista social Márcia Leite, o mesmo fato ocorreu com a própria Jacqueline Kennedy. Lembrou ainda Márcia ter ouvido comentários sobre a forte ligação entre os sindicalistas e M. Tereza, que costumava levar líderes sindicais ao gabinete do marido. Interessante, esta imagem de mulher — tão diferente daquela nomeada por adjetivos fortes como *ninfomaniaca*.

Sabemos que *histérica* ou *ninfomaniaca* são adjetivos pelos quais todas corremos o risco de sermos chamadas. Para isso, basta ser mulher. E foi talvez essa solidariedade básica que me fez olhar para Maria Tereza e Denise como para um espelho, perdendo o rumo e a intuição de que ia levar um cano federal.

Inês Castilho

Sem cidadania plena, só resta o lugar da diferença.

As mulheres lutam pela democracia. Fazem suas passeatas. Vão ao Congresso e à Câmara reivindicar eleições diretas, já. O fato das mulheres isolarem sua luta, embora reintegrando-a à luta geral, coloca algumas questões para se refletir, visto que ser mulher não é profissão. Esse movimento de particularização é portanto completamente diferente da participação das categorias profissionais socialmente bem integradas como "professores pelas diretas, já" ou "advogados pelas diretas, já" ou "artistas..." e assim por diante. As mulheres não compõem, igualmente, um partido político.

Assim, fica a pergunta: a partir de que lugar as mulheres lançam-se à luta pela democracia? Pode-se imaginar o movimento dos "homens pelas diretas" sem que isso pareça óbvio e redundante? As mulheres, parece, integram as chamadas minorias (apesar de serem mais da metade da humanidade) com os negros, os homossexuais, os índios... Lembramos ser curioso que outros grupos discriminados e carentes, como os analfabetos, os desempregados, os presos, os trabalhadores rurais, sem falarmos do operariado, não são considerados "minorias" e efetivamente compõem a sociedade nacional, sem no entanto encontrarem nela espaço pleno.

Assim, "minorias" passa a ter uma conotação física (racial ou sexual) que amplia seu problema para uma dimensão não apenas cultural mas "biológica", adquirindo um aspecto ideológico que fundamenta e até justifica a semi-exclusão por parte do Sistema em benefício da Ordem estabelecida por este: "O que é físico, constitucional, dificilmente pode ser mudado, é destino, fatalidade, etc."

Mas continuemos. A participação das mulheres na luta pela democratização deste país se dará a partir de sua cidadania?

Estará junto a todos os cidadãos, para a seguir colocar suas reivindicações específicas? Difícil responder afirmativamente, já que as mulheres, como as outras minorias (e também todos os grupos sociais discriminados), só têm uma cidadania parcial. A cidadania se constitui, em tese, a partir do contrato social entre pessoas que elaboraram em conjunto ou participaram da elaboração de regras de convívio social, e seguem estas regras. A maioria dos brasileiros não participou da elaboração de regra alguma, não podendo assim ter plena cidadania. Quanto às mulheres e outras minorias então...nem se fala! O modelo de cidadão foi, neste país, o "senhor de escravos" branco, homem e proprietário. Aqueles que não se enquadravam neste modelo restou aceitar as regras do jogo impostas de cima.

Embora vivamos um outro tempo com características próprias, as coisas não mudaram fundamentalmente e, àqueles que nada decidiram, resta aceitar muito e exigir pouco. Simone de Beauvoir disse que, embora as mulheres tenham participado de vários movimentos revolucionários, quando fazem suas exigências sempre lhes respondem que não é chegado "o momento tático". Apesar das mulheres terem tido parte ativa em algumas revoluções e da existência de revolucionárias célebres, é na condição de colaboradoras que é mais frequente encontrá-las. Reproduzem assim o papel tradicional de "assistente" ou "musa", e por aqui também temos algumas belas "musas" das diretas.

O lugar das mulheres, assim como o das outras minorias, não sendo o da cidadania plena, é aquele da diferença. Mas é aí que se procura domesticá-las e tutelá-las, restringindo o espaço civil público para as questões "não relevantes" (como são chamadas aquelas que lhes dizem respeito) e possam vir a atrapa-

lhar o projeto unitário de dominação centralizada e burocrática que sustenta a sociedade desejada pelo Estado: harmônica, hierárquica e autocontrolada.

É, portanto, a partir da "diferença" e do reconhecimento desta que as mulheres e as outras minorias irão se identificar, a si próprias e entre si, na luta pela democracia. Se lhes é possível ajudar na luta democrática na qualidade de cidadãos de segunda categoria, dificilmente, nesta condição, poderão colocar suas exigências específicas participando da criação do mundo diferente que deve começar a ser pensado a partir da instalação da democracia.

Como poderão, sem voz própria, importante e autônoma, impedir que a democracia, uma vez conseguida, se organize manipulada pelos grupos no poder (de qualquer cor política) que, apesar da participação popular nas lutas prévias, possam querer manter em suas mãos as decisões e o destino futuro desta tão desejada, falada mas contraditória democracia?

As mulheres e às outras "minorias" cabe ir mais fundo, porque para elas só transformações mais profundas e radicais, nesta sociedade e neste país, poderão abrir perspectivas mais positivas. A luta, aqui, hoje, tem características próprias, e é a partir delas, mas sem ignorar a realidade histórica de uma heterogeneidade visível, que poderá combater de maneira nova, pluralista e multi-forma. Neste aspecto, adquire sentido a particularidade da luta pela democracia por parte das mulheres, e este será provavelmente o caminho a ser seguido por todas as minorias.

...e diretas, já.

Anésia Pacheco Chaves



Cidadãs de 2ª classe, as mulheres se unem na luta pela democracia. E aí desaparecem as divisões partidárias.

Nos últimos meses a questão da descriminalização do aborto vem mobilizando a opinião pública, setores da sociedade brasileira e ocupando posição de destaque nos meios de comunicação.

Esse debate todo é necessário, pois, como diz um documento do Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo, a ilegalidade do aborto vinha privando o país de discussões, pesquisas e depoimentos que possibilitassem "tornar visível uma situação que tem sido negada ou acobetada". Que permitissem nomear esse inominável, trazendo para a consciência todo o medo, a angústia, a culpa, a dor, a clandestinidade, a vontade e o desejo de autonomia que a evocação da experiência de aborto suscita em nós.

Em meio aos frequentes debates públicos sobre o tema, duas posições têm se defrontado. De um lado, a Igreja Católica se manifesta contra a legalização, no início subliminamente através da campanha "direito à vida" da CNBB, e depois bombasticamente pelas declarações de dom José Gomes, bispo de Chapecó (SC), durante a 22ª Assembléia Geral da CNBB em Itaipó, em maio. "O país que permite o aborto não tem condições nem força moral para reprimir a criminalidade, pois quem assassina crianças antes de nascer não tem gabarito para impedir o crime contra os já nascidos".

Do outro lado estão representantes de grupos feministas, que manifestam-se nos comícios e passeatas pró-diretas com faixas pela descriminalização do aborto. Está o Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo, que lançou um documento pedindo que se garanta à mulher a prática do aborto, embora reiterar que ele "não deve ser visto como anticoncepcional pelo fato de que envolve custos emocionais, sociais e de saúde". Está a nova revista *Lua Nova*, do CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea) que traz uma reflexão de Marilena Chauí sobre o aborto entre adolescentes:

"Justamente porque defendo intransigentemente a legalização e a descriminalização do aborto, considero necessário levar em conta o modo como é vivenciado pelas mulheres brasileiras. É vivido como ausência de liberdade (imposição social e moral) e como violência. É imposição porque há punições e sanções variadas para as mulheres, tanto quando não abortam como quando abortam. É violência física não só por causa das péssimas condições em que é realizado pela maioria das mulheres, mas também porque nele algo é extirpado do nosso corpo, ainda que sem dor. Simbolicamente o aborto é investido de uma carga afetiva mais dramática que a extração de um dente ou de um apêndice, ainda que clinicamente seja tão ou mais simples. É violência psíquica porque numa cultura cristianizada, na qual não há acordo quando à vida ou não vida do feto e na qual a maternidade define a essência do feminino, o aborto surge como se fosse culpa ou falha."

Por que essa mobilização toda?

É possível apontar pelo menos dois agentes instigadores dessa mobilização. Um é a recente fabricação, regulamentação e legalização no país do DIU (Dispositivo Intra-Uterino). Até abril seu uso era proibido, pois, de acordo com o tipo de material com que é fabricado, a ação do DIU é abortiva, impedindo a fixação do óvulo no útero, mesmo que ele tenha sido fecundado.

Outro é a tramitação na Câmara Federal do projeto da deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), que amplia as possibilidades de realização legal do aborto. Na verdade, o projeto, apresentado em abril do ano passado, não pretendia descriminalizar o aborto mas atenuar o rigor da legislação atual, permitindo que ele seja praticado por médico especialmente autorizado em apenas quatro espécies de indicações:

ABORTO



Um caso que pode ser a gota d'água num debate que vem se intensificando: uma jovem de Brasília, portadora do Mal de Jansen, tem uma gravidez indesejada. Como toma remédios à base de talidomida, que pode provocar deformações genéticas no feto, decide abortar. Seu médico consulta o Conselho Regional de Medicina, e este entrega a decisão à Justiça. Agora, no final de maio, a decisão da "justiça": o aborto é crime, ela não pode realizá-lo.

Indicação médica: Atualmente se restringe à hipótese extrema de inexistir "outro meio de salvar a vida da gestante". Cristina propõe a seguinte redação: "Não se pune o aborto praticado a qualquer tempo, se a gravidez determinar perigo para a vida ou a saúde física ou psíquica da gestante."

Indicação ética: Hoje, só existe no caso de gravidez resultante de estupro. O novo projeto diz: "Não se pune o aborto praticado nas primeiras 12 semanas, se a gravidez está relacionada a prática de crime contra os costumes."

Indicação embriopática: Pela legislação atual, esta indicação inexistente. Cristina propõe: "Não se pune o aborto prati-

cado nas primeiras 20 semanas quando, em razão de enfermidade grave e hereditária, física ou mental, da qual sejam ou tenham sido portadores o pai ou a gestante, seja possível estabelecer com alta probabilidade que o nascituro já padece ou virá a padeecer de idêntica enfermidade; ou a qualquer tempo quando alguma moléstia, intoxicação ou acidente sofridos pela gestante comprometam, demonstradamente, a saúde do nascituro."

Indicação social: O projeto introduz esta indicação, propondo: "Não se pune o aborto praticado nas primeiras 16 semanas quando, face às condições sócio-econômicas e familiares da gestante, não

puder ela atender às necessidades elementares do filho, sem privar-se do indispensável à própria subsistência ou à de sua família." Na justificação, Cristina afirma que "o direito, aqui, abre os olhos para uma dura realidade social."

Por onde anda o projeto de Cristina?

Já faz mais de um ano que o projeto de Cristina Tavares transita pelo Congresso. Retraçar essa caminhada, apesar de implicar em esforço fastidioso, significa também nos reapoderarmos de nosso corpo e destino, retalhados e disputados publicamente.

Como qualquer projeto, é previsto que sua trajetória seja longa, demorando-se entre comissões, pareceres e recursos, até que seja apresentado ao plenário, primeiro na Câmara dos Deputados, e em seguida, se aprovado, no Senado (como teria acontecido com a emenda Dante de Oliveira). Para que se tenha uma idéia da demora de todo esse procedimento, dois outros projetos da própria Cristina, muito menos polêmicos, apresentados à Câmara em 79, estavam sendo votados pelo Senado dia 23 de maio de 1984!

Nesse mesmo dia, o projeto de Cristina sobre aborto, que já havia recebido pareceres de dois deputados — um favorável, de José Genoíno Neto (PT/SP) e um contrário, de Hamilton Xavier (PDS/RJ) —, deveria ter sido apreciado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal. Mas, pela segunda vez, não houve parecer por falta de quorum. Essa Comissão opina sobre matéria constitucional, ou seja, se os projetos que lhe são apresentados ferem ou não a Constituição. Se o parecer for de que o projeto atenta à Constituição, cabe aos interessados (no caso, a deputada Cristina) recorrer sobre a decisão. Caso contrário, passará ainda pela Comissão de Saúde que, segundo informações colhidas junto ao gabinete da deputada, deverá emitir parecer técnico, o qual finalmente, sendo favorável, permitirá ao projeto ser submetido ao plenário da Câmara dos Deputados e em seguida ao Senado.

Essa complicação toda não deve, porém, ser vivida pelos grupos, entidades e pessoas favoráveis à descriminalização do aborto como um agente paralizante. Ao contrário. O momento pede (ou até mesmo exige) mobilização, apoio, manifestação (telegramas ou cartas de apoio a Cristina ou Genoíno, Câmara dos Deputados, Brasília) pois, pelo que se tem sabido, a pressão para que não seja aprovado tem sido forte. O deputado José Genoíno Neto, por exemplo, tem recebido grande número de cartas "ameaçadoras", de pessoas "revoltadas" que consideram crime o aborto em qualquer circunstância e criminosas as pessoas que defendem a aprovação do projeto. Em declaração recente na *Folha de S. Paulo*, publicada exatamente no dia em que a Comissão de Constituição e Justiça deveria se reunir, o deputado Genoíno afirmou: "Talvez não haja no momento outra questão em que o terrorismo moral e ideológico ande tão solto como na referente ao aborto".

Contundente essa opinião de Genoíno, que, ao desvendar os interesses em jogo, traz a discussão sobre a descriminalização do aborto para um terreno limpo. Com efeito, recolocar essa discussão no plano moral possibilita que posições contrárias se confrontem e degladiem em campo livre, isento de manipulações de culpa, individual ou coletiva; situá-la no plano ideológico instiga para que se fique alerta, que se atente para as armas usadas no embate ideológico, antigas conhecidas das mulheres, que tudo podem levar de roldão, desde o afeto mais íntimo, passando pelo conhecimento "científico" mais distanciado, até a bandeira "política" mais radical.

Fúlvia Rosenberg

Com a colaboração de Wanda Nestlener e Inês Castilho.

Cora Coralina... Já é poesia o nome que escolheu para si essa mulher velha e sábia, essa menina "perna-mole" que aos 94 anos se sente liberta para viver em paz a solidão. E que, este ano, é a primeira mulher a ter seu talento reconhecido pelo prêmio Juca Pato, concorrendo com outros grandes nomes da literatura brasileira.

Numa manhã ensolarada e azul de julho de 1983, Miriam Botassi (do CIM — Centro Informação Mulher) foi encontrá-la em sua casa clara e simples, ao lado do rio que atravessa a histórica cidade de Goiás. A longa conversa que então tiveram é, em parte, reproduzida aqui.

Conta um pouco da tua história...

Quando eu cheguei na idade do casamento, de aspiração de um casamento, tive muito medo de ficar moça velha sem casar. Era o que havia nessa cidade, e eu me apeguei com Santo Antonio e Santo Antonio me mandou um paulista aqui, 22 anos mais velho do que eu, e eu me casei com ele. Casei-me em 1910, em 1911 ele quis voltar para São Paulo, eu fui com ele. E no Estado de São Paulo eu vivi 45 anos da minha vida, encaixados, sem voltar a Goiás. E depois de 45 anos, de ter criado filhos e batizado netos, quis voltar para minha terra para viver a minha vida, e a minha vida é muito boa.

Eu era uma jovem bobinha, criada entre 8 mulheres e quando me achei em São Paulo, sozinha ao lado dele, ele passou a ser para mim pai, irmão, tio e marido, porque afinal ele era 22 anos mais velho do que eu e eu uma bobinha, criada entre mulheres, e ele era homem lido e corrido.

Casei-me. Sonhei uma coisa e saiu a realidade muito diferente.

O que você sonhou e o que foi na realidade?

Sonhei um príncipe encantado, sonhei um homem todo delicadeza, todo mimos comigo, eu adorada, querida, respeitada, conceituada e mãe de família. E saiu um homem ciumento, hoje eu avalio, o ciúmes dele era uma tara. Ele tinha ciúmes de dia e de noite, acordado e dormindo. Era um ciúme mau, um ciúme venenoso, um ciúme de visões de coisas que não tinham se passado. Mas eu era uma criatura feliz com a minha gravidez, feliz no ser dos meus filhos, feliz em ver meus filhos pequeninos na cama ou num berço ao meu lado, feliz em dar banhos em criança, lavar fraldas de criança, ver criança sorrir, ver bater as mãozinhas e as perninhas, tudo isso me compensava da parte que meu marido me negava.

Meu marido quando morreu me deixou numa grande dificuldade. Porque me deixou pobre e com os filhos para criar e casar. Quatro filhos, homens e mulheres. E depois, devagar, devagar fui solucionando os meus problemas. Se você me perguntar como foi que eu resolvi meus problemas eu não sei dizer. Só posso dizer a você que Deus teve dó de mim e me ajudou. Olha a minha casa, paz e pobreza, a paz da pobreza sem es-

CORA CORALINA



"Não me sinto livre. me sinto liberta. Libertada de sentimentalismo, de necessidade de viver perto de filho..."

CONTA UM POUCO DA TUA HISTÓRIA..

cândalo. E depois, passaram-se os anos, eu em 56 resolvi os problemas que me ligavam a São Paulo e voltei para minha terra para viver a minha vida. Compensadas todas as negativas do passado, compensadas todas as contradições do passado, não tenho queixas.

Diz que na sua juventude era considerada feminista, que vários homens se apaixonaram mas não tinham coragem de chegar...

Não é nada disso. Era alguma coisa disso. Minha mãe obstava o meu casamento. Só ajudava casamento a casa onde tinha pai e mãe. Onde tinha mãe só não ajudava não. Não

ajudava porque não tinha condições para fazer esse casamento, dar o mínimo de enxoval, atender a um mínimo das conveniências de um casamento. Essa que foi a verdade e como eu era meio atirada mesmo, eu defendia pontos de vista que não eram aceitos no tempo, me chamavam — a família, a sociedade não — a família me marcava como "détraquée". Eu era uma détraquée.

E o que queria dizer "détraquée"?

Doida, amalucada, não doida de jogar pedra, mas doida quer dizer fora do rebanho, fora da média, fora do estatuto que se considerava equilibrado para todas. Eu era diferente.

Eu queria ter a minha personalidade. As outras todas aceitavam. Eram os carneiros. E eu não era carneiro para andar aí pastorado. Eu tinha opinião própria. Eu queria ter uma vida própria. Eu queria me casar, mas queria me casar e ter filhos. Nesse ponto, nunca fui contra casamento, nem contra filhos, porque eu tinha muita maternidade e gostava de ter muitos filhos, porque cada filho me renovava o prazer da vida.

O que representou o casamento? Foi a busca da liberdade?

O casamento representava a fuga e ao mesmo tempo correspondia a

continua na pág. 10

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam — eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalariado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam — diziam:
“— Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.
Tinha medo das estórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do capeta.
Tinha as pernas moles
e os joelhos machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.

Caía à toa.
Caía nos degraus.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
“— Levanta, moleirona”.

Minhas pernas moles desajudavam
Gritava, gemia
De dentro a casa respondia:
“Levanta, pandorga”.

Caía à toa...
nos degraus da escada,
no lajeado do terreiro.
Chorava. Chamava. Reclamava.
De dentro a casa se impacientava:
“Levanta, perna-mole...”

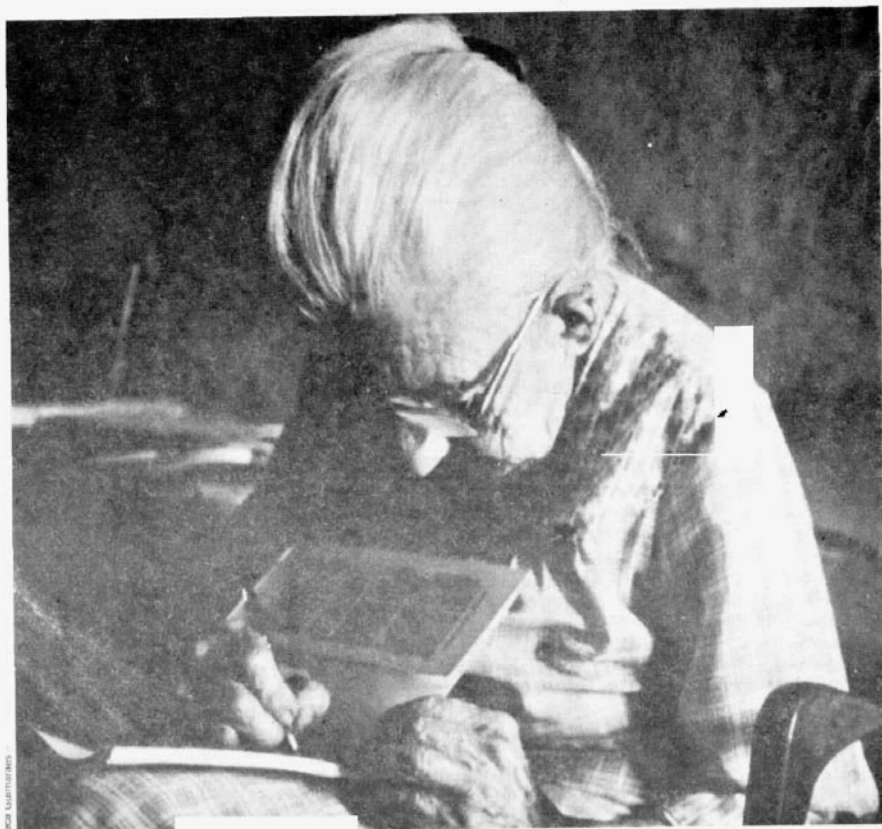
E a moleirona, pandorga, perna-mole
se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infundáveis...
Meu mundo imaginário
mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “menina inzoneira!”
Companhia indesejável — sempre pronta
a sair com minhas irmãs,
era de ver as arrelias
e as tramas que faziam
para saírem juntas
e me deixarem sozinha,
sempre em casa.

A rua... a rua!
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)
— proibida às meninas do meu tempo.
Rígidos preconceitos familiares,
normas abusivas de educação
— emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
eu via por um vidro quebrado, da vidraça
empanada.



Minha Infância

(Freudiana)

Na quietude sepulcral da casa,
era proibida, incomodava, a fala alta,
a risada franca, o grito espontâneo,
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação... Comportamento estreito,
limitando, estreitando exuberâncias,
pisando sensibilidades.
A gesta dentro de mim...
Um mundo heróico, sublimado,
superposto, insuspeitado,
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,
acrimoniosa repisava:
“— Menina inzoneira!”
O sinapismo do ablativo
queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,
esta cinza que me cobre...
Este desejo obscuro, amargo, anárquico
de me esconder,
mudar o ser, não ser,
sumir, desaparecer,
e reaparecer

numa anônima criatura
sem compromissos de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.
Chorona.
Amarela de rosto empalariado,
de pernas moles, caindo à-toa.
Um velho tio que assim me via
— dizia:
“— Esta filha de minha sobrinha é idiota
Melhor fora não ter nascido!”

Melhor fora não ter nascido...
Feia, medrosa e triste.
Criada à moda antiga,
— ralhos e castigos.
Espezinhada, domada.
Que trabalho imenso dei à casa
para me torcer, retorcer,
medir e desmedir.
E me fazer tão outra,
diferente,
do que eu deveria ser.

Triste, nervosa e feia.
Amarela de rosto empapuçado.
De pernas moles, caindo à toa.
Retrato vivo de um velho doente.
Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.
Sem proteção da Pai...
— melhor fora não ter nascido

E nunca realizei nada na vida.
Sempre a inferioridade me tolheu.
E foi assim, sem luta, que me acomodei
na mediocridade de meu destino.

uma aspiração, aspiração do marido, aspiração dos filhos e aspiração da família. Porque uma moça pobre casada valia muito mais que uma moça pobre solteira. A mulher casada tem um valor que a solteira não tem. Ontem, hoje e acredito que amanhã. O homem empresta um valor à mulher, o homem realça o valor da mulher, o homem valoriza a mulher.

Se não está certo, é o que existe. E não adiante dizer "não está certo". Eu aceito. Eu procurei no casamento não adianta dizer "não está certo". Porque eu fui criada ao lado de oito mulheres. Minha mãe teve quatro filhas, nenhum filho, nunca tive um irmão e eu via as moças casadas que eram muito valorizadas, muito mais que as solteiras. A solteira é uma busca, a moça solteira está numa busca incessante, e essa busca é o homem, através naturalmente, de uma forma legal, da forma do casamento.

Naquele tempo, quando o moço aparecia para fazer o noivado, havia um sofá na sala com três lugares, de palhinha, no meio sentava o rapaz, de um lado sentava a irmã mais velha, de outro lado ou a mãe ou a tia, uma pessoa mais idosa da casa, e a noiva ficava nos quartos de dentro, espiando o noivo pelo buraco da fechadura, risonha, alegre e até feliz, palpitante. E quem fazia a sala, como se dizia, era uma tia velha e uma mana mais antiga, mais velha.

Foi assim o seu noivado?

Foi, mas no dia seguinte ao casamento, eu tinha me vingado de todas elas.

Fale um pouco do seu trabalho...

Meu trabalho, minha menina, o trabalho principal de minha vida, eu fui dona de sítio, eu criei porcos, eu tive vacas de leite, eu tive lavouras, eu tive paiol de milho, eu tive tuia cheia de arroz. Eu colhi e vendi algodão, colhi e vendi feijão, engordei porcos e vendi porcos e ninguém teve porcos mais bonitos e mais bem tratados que os meus. Isso no tempo que eu vivi em São Paulo e depois de viúva. Os filhos já tinham todos se casado, tive sítio e tive chácara, sempre fui independente, nunca fui dependente de filho. Tanto, que hoje meus filhos moram todos em São Paulo e eu aqui. Nem eu tenho vontade de ir para perto deles, nem tenho vontade que eles venham para perto de mim. Porque acho bom assim. Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser limitada depois de velha.

Você se sente livre hoje?

Oooooooh... Absolutamente livre. Não me sinto livre, me sinto liberta. Não há nada que valha para mim a minha libertação. Libertação de sentimentalismo, de necessidade de viver perto de filho, libertação de medos de viver sozinha, libertação de ter qualquer coisa, libertação de medo de cair, libertação de assalto com a minha porta aberta, libertação da minha casa que eu durmo com a minha janela aberta para o lado do rio, não há nada que valha para mim a minha libertação do medo. O medo é a escravidão maior da criatura, e hoje eu não tenho medo e tenho noventa e quatro anos de idade, nasci em 1889, tem vinte e sete anos que eu voltei para Goiás e deixei filhos e ne-

CORA CORALINA

tos, noras e genro, e todo mundo me quer bem e me respeita, não tenho queixas de nenhum deles.

E quando você começou a fazer seus poemas?

Aos catorze anos de idade. Mas com a idade de catorze anos eu só tinha feito na vida um curso primário e muito incompleto. Eu na vida só tive uma professora — mestra, como se dizia no passado. Nunca tive duas, minha professora foi uma só e sozinha na sua sala de aula. E ela era cinquenta anos mais velha do que eu, e já tinha ensinado à geração de minha mãe. Abriu uma escolinha primária, ela era aposentada e a aposentadoria muito pequena, muito insuficiente para a vida modesta dela, e ela abriu uma escolinha primária e suas ex-alunas matriculavam lá os filhos, como minha mãe, outras mães que foram alunas dela. E o nome dela, quando eu falo, representa hoje para mim uma pauta musical — Silvinha Ermelinda Xavier de Brito.

Ela foi a única recordação feliz e grata da minha vida. Eu era uma criatura obtusa, na minha escola não havia carteiras, havia bancos, bancos das adiantadas, banco das médias e banco dos refugos, e eu durante anos pertenci ao banco das mais atrasadas. Não aprendia, era obtusa, fechada, eu queria aprender e não conseguia, não conseguia, as meninas caçoavam de mim, eu mastigava a beirada do livro, a capa era dura, não era mole como é agora, babava tudo aquilo, babava o babado do destino, mastigando, babando, tinha todas as características de uma criança tarada, marcada, idiota, minha mãe não acreditava que eu aprendesse a ler. E a casa dizia, isso porque ela é filha de velho doente. Porque meu pai quando casou-se com a minha mãe já era idoso e coincidiu que a gravidez dela, da minha pessoa, coincidissem com a doença de meu pai. E com isso justificavam tudo o que eu sentia e ninguém me dava um remédio. Até um dia que eu fui com as minhas queixas para a minha bisavó, e ela disse: Ah! minha filha toma chá de fedegoso, se você tomar chá de fedegoso você fica corada, bonita — eu era amarela, empalmada, minhas irmãs me chamavam "essa empalmada", tinha boqueira, e falavam "isso é filha de velho doente", tinha dor na perna e chorava aquele choro manso de dor na perna, "que é que está chorando menina?", "estou com dor na perna", "ah isso é porque é filha de velho doente", tudo que me ocorria era porque eu era filha de velho doente.

Tinha muito medo nessa época?

De ficar moça velha sem casar. Era o meu medo. Sempre. Falavam que eu era feia, eu chorava, falavam que eu não casava, eu chorava. Eu

não sabia bem o que era, mas chateava porque era uma marca em cima de mim. E chorava. Eu era uma criatura mal amada e mal alimentada. Devo à minha mestra ter me abrido a capacidade de compreensão, devo à didática dela, à paciência, até mesmo à caridade dela para comigo. E hoje, transformei todas essas ocorrências em lições da vida, e delas me sirvo, a vida me ensinou.

E o que você acha das mulheres hoje?

Acho que elas estão procurando o que elas nem sabem o que é. E que elas ainda não encontraram aquilo que devem procurar realizar e encontrar: um partido, um grande partido político feminino. Enquanto elas não se juntarem, não se organizarem num partido político feminino, isso de nomeação para repartição não dá a elas prestígio. não.



...liberta de medos de viver sozinha".

E como seria um partido feminino?

Um partido, não tem um partido masculino? Um partido feminino que possa arregimentar a grande maioria das mulheres que se interessam por isso que se chama libertação. Fora disso, minha filha, tudo é perder tempo, mas perder tempo é também ganhar tempo, elas estão se exercitando e eu dou para elas dezesseite anos para a formação deste partido.

Elas têm que se valorizarem politicamente como mulheres, têm que eleger e serem eleitas, para defenderem os seus propósitos. Não querem uma libertação? Elas só terão essa libertação com um partido político feminino que tivesse peso de decisão.

Então é isso, enquanto isso eu vou escrevendo os meus livros, publicando, vendendo os meus livros, o que para mim é importante. A política é importante não para mim, mas para a mulher como um todo. Importante para vocês que são moças, são jovens. podem atuar num partido poli-

tico. Mas a mulher tem que se preparar também culturalmente para isso. Porque o Lula perdeu a eleição? Porque ele quis antecipar o tempo. Eu mandei um recado para ele, que eu fazia votos que ele perdesse a eleição. Que eu tinha muita vontade de conversar com ele, mas não sendo possível, que a escritora de Goiás, Cora Coralina faz votos para que ele perca as eleições porque ele não está preparado para ser um chefe de governo. Ele tem cultura. Não tem. Ele procurou ter cultura? Talvez esteja procurando agora porque compreendeu a grande falta. Talvez. Da mesma forma as mulheres também precisam, pelo menos este grupo que vai liderar. A mulher tem que criar a sua liderança, ter o seu grupo político em todos os Estados do Brasil. Em cada Estado ter uma líder política, arregimentando grupos, e ainda vai sobrar muita mulher para votar nos homens.

Acho interessante, só não sei se a forma é um partido, se não deveria ser uma organização independente de um novo tipo.

Interessante, e eu dou dezesseite anos para isso, tempo para se adquirir experiência. Mas se não se formar um partido, o que se forma? Uma associação para que? Qual o valor de uma associação perante o valor de um partido? Um partido enfrenta um partido de homens, um partido de mulheres enfrenta, tem voz, fala e é ouvido. Um grupo, uma associação de mulheres vale? Uma é levada a votar no marido, outra para votar no irmão, no cunhado, no compadre e fica tudo disperso. Só um partido político é que aglutina, aglutina até os homens, quanto mais as mulheres. Política é uma coisa muito forte, minha filha, agora as mulheres não estão acostumadas a fazer política, estão acostumadas a viver atreladas à política do marido. Elas fazem a política do marido, e não a política delas.

NAS TERRAS DE CORA



"Lentamente as mulheres se impõem e se rebelam"

O Norte de Goiás, como boa parte da zona de "fronteira agrícola," tem a população rural concentrada em povoados. A paisagem é marcada pelas casas cobertas de palha de babaçu, que transbordam das paredes dando a impressão de aconchego. As casas têm a cor da terra, são de taipa, e com a palha seca, fazem parte da paisagem, não agridem, formam um todo harmônico, onde o ocre é a cor que predomina, rompida cá e lá pelos beijos-de-fradé e marias-sem-vergonha que crescem em frente às portas de entrada. Os quintais nem sempre têm cercas, mas uma árvore frutífera qualquer ou uma sebe de maracujá marcam os limites hipotéticos entre vizinhos. Os porcos e galinhas correm soltos por entre as casas e as ruas do povoado, e por isso as hortas são suspensas: um girau recoberto de palha sustentando a terra adubada, onde vicejam cebolinhas, tomates, beringelas.

Alguns povoados se distinguem pela beleza da população. Uma cena corriqueira é ver uma mulher vindo do rio ou do poço de algum vizinho com o balde d'água equilibrado com maestria no alto da cabeça, com a roupa molhada modelando um corpo esguio e sensual, seus braços esboçando gestos leves e delicados, apressando os filhos maiores que vêm brincando atrás dela. Crianças por toda a parte, de todas as idades. Raros adolescentes. Como se se saísse da infância para a vida adulta quase sem transição.

À noite, as lamparinas de querosene brilham na escuridão pelas ruazinhas do povoado. São os vizinhos indo de uma casa a outra para conversar, sentados em banquinhos de assento de couro, iguais em toda a área.

A conversa flui fácil, sobre a colheita próxima ou passada, de arroz, milho, feijão, sobre as histórias de cobra ou de onça que ainda outro dia passavam dentro do povoado; sobre a luta pela terra, sobre a queima de casas e paiois de arroz perpetrada por "jagunços" e outros desmandos a mando do "grileiro" que assola as vizinhanças.

Com um pouco de confiança, contarão casos sobre os "homens da mata", nome dado aos "guerrilheiros do Araguaia", sobre a repressão que se abateu sobre eles, pobres camponeses desses povoados perdidos, sem luz elétrica, sem postos de saúde, frequentemente sem escolas, sem telefone, e muitas vezes sem meios de transporte.

Aparentemente há um destino inexorável quando se é mulher e camponesa. D. Paulina dizia a respeito de uma neta casada recentemente, aos 15 anos: "... é melhor mesmo casar cedo. A gente está moça, está forte. Porque a gente tem que pilar o arroz, cortar coco babaçu pra ajudar o marido e trabalhar na roça pra comer. Melhor cedo. Porque cedo a gente termina de ter toda filharada e aí a gente ainda tá viva quando os filhos crescerem e ajudarem a gente. Veja eu, com os meus filhos me ajudando. Agora minha vida tá maneira e eu tô viva aproveitando ela".

Mas a vida "maneira" de D. Paulina começa às 4:30 da manhã, quando ela se levanta para fazer o almoço da filha solteira que parte para roça. A neta adolescente é quem vai buscar água no rio, mas é ela que, desde a morte do marido, se ocupa da casa. Tem mais de 70 anos. Seus 12 filhos estão casados e moram no mesmo povoado.

Seu Antônio, um vizinho, diz: "É bom ter muito menino, porque já descansa a mãe. Menino com 3, 4 anos já pode se encarregar de uns servicinhos dentro da casa: "Menina, vai me buscá um copo d'água", ou "menino, vai na casa de cumadre dá esse recado...". Ele afirma, categórico: "Mulher é como a cumieira de uma casa. Doente ou faltando, tudo desaba na vida de um homem".

De manhã cedinho, da janela eu vejo as mulheres descerem para o rio. Vão lavar roupa, buscar água, lavar louça, carregando um filho nas ancas, muitas com seus ventres bojudos, indiferentes ao peso que carregam na volta, subindo o barranco íngreme.

As mulheres trabalham muito. Mais que os homens. Socam o arroz no pilão, cuja mão pesada não sentem mais.

Com a peneira jogam o arroz para o alto e com movimentos precisos separam a palha. Andam léguas mata a dentro onde vão em grupos ajuntar o coco babaçu, cortá-lo com um golpe seco, em cima da lâmina do machado pesado que carregam. Uma parte da produção será reservada ao consumo doméstico: o coco é socado e cozido na água até o óleo se desprender. As fervuras sucessivas permitirão a separação do óleo que será utilizado na cozinha e no feito de sabão, quando misturado com a soda. A casca do coco será queimada para fazer carvão. Durante 15 anos, um pouco menos, um pouco mais, desde que se casam, elas cumprem essas tarefas quase sempre grávidas ou com um nenê de colo. As crianças até 2, 3 anos são banhadas várias vezes ao dia "pra não ficarem doentes". É a sabedoria popular contra brotoejas e desidratação. As mulheres auxiliam os homens no plantio e trabalham na colheita. A diferença é só de vocabulário. Elas só não participam da limpeza (broca) do terreno porque "brocar é trabalho pesado, é serviço de homem".

Mas D. Elisa, essa fazia "serviço de homem": "Tive 16 filhos... eu dei leite de peito pra eles, e ainda trabalhava na roça e tirava até lenha pra vender pra lancha. A senhora ouviu falar que andava lancha aí? Pois eu tirava lenha pra lancha, tirava 500 achas num dia. Me esgotei. Uma mulher tirar 500 achas! Pegava de manhã na mata, cortava, e de tarde dava ela arrumada! Nem todo homem faz isso! Pois é, trabalhando assim, tirando azeite de fruta, de andiroba, de mamona, pra vendê por dez 'tão a garrafa. Pra criá meus filhos. Sabe, eu não tive felicidade com marido. Eu fui casada no primeiro, oia esse golpe que ele me deu (mostra uma enorme cicatriz na testa, acima do olho direito). Foi bárbaro o sofrimento. Larguei dele e fui casada com outro que não era malcriado. Mas não importava com nada. Quem lutava era eu pra criá esses filhos como criei, graças a Deus. E hoje, com 76 anos, me acho tão fraca..."

Ainda que em certos povoados haja

uma divisão nítida de tarefas — só mulheres catam e cortam coco babaçu, só homens fazem carvão, como só homens, e isso é geral, brocam a terra para o plantio — no nível político essa divisão esmaece. D. Maria é da diretoria do sindicato rural. Foi escolhida por seus pares. "É mais direta e fala mais fácil" que o marido, que encara com naturalidade ter que ficar com os filhos para que ela participe de reuniões nos povoados e municípios vizinhos. D. Jacira, em outro povoado, foi candidata a prefeita pelo PT. Seu marido, líder do povoado onde é chefe da capela, lidera também a luta contra o grileiro local, e diz que ela tem as idéias mais claras que ele quando se trata de política e de organização. Natalina, em outro povoado ainda, candidata derrotada a vereadora nas últimas eleições, é também catequista e ativista na luta dos posseiros, além de trabalhar na roça comunitária. Solteira, melhor diria, solteirona com 32 anos, hesita entre dois pretendentes, ambos "da luta", ambos mais jovens que ela.

Lentamente as mulheres se impõem e se rebelam, como D. Branca, mãe de filhos que um dia apanhou do marido que havia bebido mais do que costumava. Arrumou seus pertences, pegou as crianças mais novinhas e andou 4 léguas para chegar a outro povoado. E lá ficou 6 meses, com o apoio dos companheiros desse povoado e o seu de origem, onde ficara o marido. Só voltou quando este, diante dos companheiros, prometeu nunca mais "levantar a mão contra ela, e se desculpar diante dos filhos. Entre D. Elisa e D. Branca a diferença não é apenas uma questão de anos, pois enquanto D. Elisa teve que mudar-se "para bem longe" do povoado em que deixava seu marido, "criticada por todos", D. Branca teve o apoio do grupo mais consequente, engajado na luta pela posse da terra. Luta que além de mudar formas de propriedade, com a instalação de roças comunitárias, traz a participação da mulher na vida política e o reconhecimento da sua existência para além do trabalho doméstico.

Regina Sader

LOUCURA

VIDAS SEM SAÍDA

Há uma predominância de mulheres e pobres, nos hospitais onde estão confinados os loucos. A história das internas no Hospício do Juqueri no começo do século é uma denúncia viva da ideologia que acorrenta a mulher à natureza, excluindo do convívio social aquelas que se rebelam contra esse destino e, na outra ponta, aquelas que se afundam num conformismo que as leva à depressão, à melancolia e à morte. Um retrato cristalino e pungente de mulheres colocadas diante de uma única alternativa, de caráter absoluto: se queriam existir como pessoas, não podiam ser mulheres.

Diz a psicanalista, escritora e senadora italiana Franca Basaglia Ongaro: "A mulher ou é natureza (mas uma natureza artificialmente fabricada) ou não é mulher; ou é corpo para os outros, ou não é corpo; ou aceita ser mãe de todos, ou não existe. Uma falta de alternativas e de dialética específica da condição feminina, pois não se trata de alternativas sociais, mas de alternativas ao próprio ser corpo, ao próprio ser mulher."

Hospício do Juqueri no começo deste século. São elas: adolescentes e jovens cujo principal sintoma de doença (doença?) foi se rebelarem contra os limites insuperáveis da condição feminina; mulheres afundadas na depressão pela expropriação de sua existência; solteiras e viúvas que "pezam sobre a família". Algumas foram sepultadas vivas, passando lá toda a sua vida sem que haja registro em seus prontuários. No item "atitude" frequentemente se lê "desgraciosa" para aquelas que não correspondem ao modelo; "praticam atos imundos", diz-se, sem explicações, provavelmente a respeito da masturbação; as homossexuais são chamadas "virago"; precoce, assim é considerado o "desenvolvimento da inteligência e do caráter" de mulheres sensíveis — poetas, músicas, escritoras.

Razão e Loucura

"A única forma de sanidade é a loucura", canta Yoko Ono em uma de suas músicas. O que vemos nos rostos dessas mulheres são olhares lúcidos, vivos, inteligentes, expressões afetivas. Exemplos de coragem e rebeldia contra a repressão ou de derrota diante de sucessivas perdas e impossibilidades. Os dois caminhos levando ao mesmo lugar — o Hospício — onde eram (são) sepultados os gritos, gestos e desejos contrários à ordem burguesa da razão, que até hoje ameaça nossa saúde mental.

Uma ameaça que sentimos no cotidiano, na luta para ver respeitada nossa individualidade; na culpada divisão entre a esfera doméstica e o mundo exterior; na dificuldade de expressar a nossa fala, o nosso gesto, de viver o amor e o prazer. E especialmente nos momentos de violência contra nossos filhos, que se confunde com a necessidade vital de ter-se a si mesma.

Loucura. Conciliar essa não-existência feminina com a ideologia que reza à mulher ser poder e nutrição para os outros: quem poderá?

Inês Castilho

1. **Mulheres e Loucura**, apresentado por Franca Basaglia Ongaro no Congresso de Alternativas à Psiquiatria de Belo Horizonte em novembro do ano passado e traduzido pela revista *Gradiva* de nov./dez. de 84.
2. **Ebaço de Psiquiatria Forense**, de Franca da Rocha, págs. 340/341.
3. Meus agradecimentos a Maria Clementina Pereira da Cunha pela orientação e pelos dados que forneceu, de sua pesquisa para o teste de douramento. Clementina é professora de História Social da Unicamp.



Helena, 18 anos, solteira, internada a 5/10/1928. "Entrou excitada, loquaz. Orientada no meio e no tempo; associação perfeita de idéias. Memória boa. Iniciativa e afetividade conservadas." Quando entrou e alguns anos depois...

Logar para o autographo



Aracy, 16 anos, branca, internada a 16/6/1915. Uma história de "loucura" na adolescência, com muitas outras. Segundo a família, a "loucura" começou com choros, gritos, insônia. As causas, tomar chuveiro ou lavar a cabeça durante a menstruação.

Logar para o autographo



Olympia, 17 anos, solteira, internada a 13/10/1915. "Ri e cuspinha, canta, chora, grita, pula, corre, rasga suas vestes e as de suas companheiras. Frequentemente insulta e agride; também comete atos imundos e extravagantes e necessita por isto uma indispensável vigilância contínua." Rasgar as roupas era considerado pelos psiquiatras da época a manifestação mais aguda de loucura nas mulheres. "Para evitar o espetáculo indecente" era usada camisa de força.



Livia, 17 anos, estudante, solteira, internada a 26/7/1910. "Entrou pela primeira vez para o hospício apresentando uma síndrome maníaca, agravada com o síndrome de Loucura Moral. Atualmente tem grande agitação motora (rasga a roupa, corre... fica em posições esquisitas, incomodadas e teatrais). Predominam em suas conversas o sentimento de cólera, ódio, o espírito de vingança e crueldade. É erótica, pornográfica, não respeita as conveniências sociais e apresenta o verdadeiro delírio dos atos, um tipo de mania com degeneração de Schülie, caracterizada pela conservação da inteligência com embolamento moral. Mantinha a princípio uma conversação razoável, sem alucinações, sem idéias delirantes, e explicava — a seu modo, seus atos, tentando impingilos como lógicos e corretíssimos, o que mais evidenciava o embolamento de seus sentimentos éticos."

Fotos reproduzidas dos prontuários do Hospital do Juqueri por Tanya Volpe.



Joana, italiana, 56 anos, casada, internada a 29/12/1925. "Bom estado mental. Quando interrogada satisfaz plenamente todas as perguntas que lhe são feitas. Orientada no tempo e no espaço." É tudo o que traz seu prontuário, além de um exame físico também normal. Sem registro de saída.

Logar para o autographo



Maria, 25 anos, doméstica, viúva, entrada a 12/9/1908. "Mutismo. A paciente é doente imunda. Diagnóstico: Demência Precoce. Salicou a 22/7/1911: tuberculose pulmonar."



Alzira, 23 anos, solteira, internada a 21/4/1910. Muito instruída, escreve cartas à mãe em francês. Nenhuma observação no prontuário exceto a "dedução diagnóstica: Degeneração inferior; mania; síndrome paranoide. História: loucura maníaco-depressiva". Em uma de suas cartas, escreve: "É, mamãe, estou com os dentes estragados... São uns charlatões."

Ondina, internada a 18/4/1918. Anexo ao prontuário em branco, uma papelada de "exame no ato de entrada" que diz: "nada encontramos de anormal no exame externo de entrada, a não ser um profundo estado de debilidade e magreza." Sem registro de saída.



Luzia, 28 anos, casada, católica, entrada a 11/1/1910. "Seu passado psíquico fora perfeito e na puberdade nada de anormal apresentou. Casada, desde a primeira relação sexual, não teve o gozo sexual. Supondo sofrer de molestia uterina, principalmente depois de ter tido um aborto, três meses depois de casada, consultou um especialista na matéria. O último médico afirmou que era necessário ter filhos para ficar completamente boa, de modo que a doente preocupada com a ideia de uma molestia uterina, ocupada com a falta de gozo sexual, foi tornando-se agitada, até que uma crise maníaca apareceu. Diagnóstico: Loucura histérica."

TUQUERI!

A psiquiatria como instrumento de repressão

Na segunda metade do século passado surge no Rio de Janeiro a primeira escola brasileira de alienistas, onde se forma Franco da Rocha. Com "as luzes da ciência", ele volta a São Paulo e reivindica junto ao Estado a fundação do Hospício do Juqueri, em substituição ao hospício "velho", literalmente um depósito de loucos e doentes. É o momento da fundação da República e do grande surto industrial; um novo saber tenta controlar e higienizar as cidades, que assumam com seus recantos sombrios e multidões crescentes.

A proposta de Franco da Rocha consiste num prédio central por onde os doentes entram, são diagnosticados e submetidos a terapia química, de choque, de banhos. Os curáveis permanecem até saírem curados; os homens incuráveis vão para as colônias agrícolas, as mulheres permanecem nos pavilhões femininos bordando, costurando, às vezes ajudando na cozinha. Assim nasce o Hospício do Juqueri em 1880 como uma grande instituição, rodeada das expectativas mais progressistas da ciência da época: os meios oficiais estão orgulhosos de sua construção imponente. Na verdade, porém, ele já traz em si as marcas de "degeneração" visíveis atualmente, e não só hoje mas desde a década de 30.

A tarefa política do hospício Durante a Idade Média os loucos eram considerados pessoas mágicas que traziam informações divinas para as pessoas comuns. Com a Revolução Burguesa — fundada na noção de contrato social, que supõe a igualdade entre os contratantes, com base na "razão" — era preciso dar conta das pessoas que se desviavam da norma mas não podiam ser penalizadas porque desprovidas de "razão". Surge então com Pinel a "primeira revolução psiquiátrica", baseada na noção de que os loucos são pessoas delirantes que devem ser curadas através de uma tecnologia asilar, de finida por ele como de "tratamento moral". Essa tarefa política do Hospício será ampliada por Esquirol, que inclui no leque daqueles que devem ser confinados os portadores de monomanias, um tipo de loucura que se manifesta não através de delírio mas de um tipo de comportamento: são os maníacos sexuais, homicidas, religiosos.

Em meados do século XIX retoma-se na Europa a ideia de que a loucura tem, além de um fundo orgânico, origem também social; é a noção de que os humores e vapores da cidade e da indústria provocam a degeneração física do proletariado, podendo assim a perder o "alho", riqueza das cidades. É o nascimento do conceito de "estigma degenerativo hereditário": o louco não é mais apenas o delirante ou o monomaniaco mas também o degenerado, que está principalmente fora do hospício.

Essas ideias abrem caminho para o surgimento, meio século mais tarde, da ciência da higiene mental, que inaugurou a psiquiatria do século XX e vai pregar contra o alcoolismo, pela educação sexual, contra as doenças venéreas e a prostituição, pela seleção e organização do trabalho. A ordem é normatizar a vida dos trabalhadores e higienizar as cidades para preservar a mão-de-obra — uma noção que se aproxima do conceito de eugenia, usado na Alemanha nazista para defender a superioridade da raça ariana. Realmente, nesta época, proliferam no Brasil as sociedades eugênicas, ligas de higiene mental, anti-alcoólicas, de educação sexual, etc.

Tendo que dar conta de todas essas teorias sobre a loucura, o Juqueri já nasce velho: a psiquiatria estava agora mais preocupada com aqueles que estavam fora do Hospício. Dentro daquilo que se propunha, porém, durante a década de 20 até meados da década de 30, o projeto de Franco da Rocha é ainda moderado, mas já na década de 40 a decadência e corrupção são aterradoras. Relatam velhos funcionários que nessa época um determinado diretor costumava organizar "orgias" nos fins de semana, com a participação de internas que ele escolhia pessoalmente. Desses bacanais participavam também funcionários do primeiro escalão, servidos com bebidas e comida do próprio hospício por funcionários de escalões inferiores.

Os escândalos surgidos recentemente no Juqueri são apenas alguns pontos de luz nas sombrias memórias dessa instituição psiquiátrica. Mais que a simples melhora no atendimento aos loucos, eles exigem que nossa sociedade repense a noção de loucura, ou loucura que ela própria produz. I.C.

DE ATENAS A LOS ANGELES

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas, que tecem pros seus maridos, bravos guerreiros de Atenas...

Parece que a história da mulher no esporte não seguiu bem esse exemplo. As Olimpíadas de Los Angeles estão aí, todo mundo fala nelas, e um monte de mulheres se prepara para competir. Mas onde começou essa história?

Começou em Atenas. Enquanto as Penélopes ficavam em casa bordando, seus pais, maridos e filhos iam assistir as primeiras competições esportivas organizadas de que se têm notícia: os Jogos Olímpicos, provas atléticas em honra aos deuses do Olimpo, **uma festa só para homens**. As mulheres apenas podiam torcer, à distância, pela vitória de seus homens: entrar no estádio era proibido, até como simples torcedoras.

A proibição, é certo, encontrou resistências. Um certo historiador grego, Pausânias, registra a história de uma mulher, Ferenice, que se vestiu de homem e foi assistir aos Jogos Olímpicos de 396 antes de Cristo, para ver de perto o desempenho do filho competidor. O filho de Ferenice venceu, mas ela, ao correr para felicitá-lo, permitiu que sua túnica se entreabrisse diante dos olhos espantados da multidão que lotava o estádio. A lei dizia que uma mulher pagaria com vida se ousasse invadir um reduto tão sagrado dos homens. Ferenice protestou — afinal, era a mãe do campeão — e depois de muitos apelos os sacerdotes concordaram em deixá-la viver.

Resistências à parte, a proibição durou até o fim das Olimpíadas. E foi mantida pela metade em 1896, quando o barão Pierre de Coubertin ressuscitou os Jogos Olímpicos: entrar no estádio para torcer, sim; competir, não. Mas os tempos já estavam mudando, as Penélopes não se conformavam mais com o "seu papel". Em 1900, houve a primeira discussão entre os organizadores dos Jogos Olímpicos e um grupo de mulheres, que exigiam participação, talvez entusiasmadas pela primeira grande façanha feminina que a história do esporte registra. A 5 de setembro de 1900, a baronesa vienesa Wallinga de Isacescu se celebrizou ao enfrentar os turbilhões do Danúbio e, mais tarde, tentou a travessia a nado do canal da Mancha.

A primeira vez que as mulheres participaram das Olimpíadas foi em 1912, em Estocolmo, quando duas nadadoras, uma australiana e a outra sueca, ganharam medalhas de ouro. Mas a proibição só caiu oficialmente em 1928 — o que custou até a renúncia, por desgosto, do barão de Coubertin do cargo de presidente do Comitê Olímpico. Já nas Olimpíadas de 28, as mulheres concorreram pela primeira vez em atletismo, na prova dos 800 metros. O resultado não foi dos melhores: das 11 inscritas, cinco se retiraram antes da prova, cinco fracassaram rapidamente e a única "sobrevivente", a japonesa Hatomi, caiu desmaiada na fita de chegada.

Um fiasco? É, foi. Mas de lá para cá, a história correu rápido. Em 1976, mais de duas mil mulheres competiram nas

Olimpíadas de Montreal, e o "atleta-símbolo" acabou sendo a ginasta romena Nádía Comaneci. E só entre 1970 e 1980, o número de mulheres nos Jogos Olímpicos multiplicou-se por 12, enquanto o número de homens cresceu apenas por três.

E bem verdade que os recordes mundiais nas várias modalidades são normalmente masculinos. Mas as diferenças vem caindo ano a ano. Um exemplo: naquela mesma prova dos 800 metros, a diferença de tempo entre os recordes mundiais masculinos e femininos baixou de 19,4 para 11,2% entre 1950 e 1970. Outro: em 1982, a alemã Cornélia Sirch fez 200 metros em natação de costas em dois minutos e nove segundos, tempo superior ao recorde masculino nas Olimpíadas de 1964. Por tudo isso, o 1º Congresso Esportivo Internacional, em Roma, em 1980, chegou à conclusão de que o desempenho feminino nos esportes vem melhorando mais depressa que o masculino.

A rápida ascensão da mulher no mundo dos esportes, mundo **também** masculino, já fez mudar os conceitos da medicina esportiva sobre o sexo dito "frágil". Antes, os médicos apresentavam a mulher cheia de não-me-toques, com mil "defeitos" como ter útero, ter seios que precisam ser protegidos e, pior que tudo, sangrar todo mês. Hoje, muitas atletas batem recordes mesmo concorrendo menstruadas. E a ciência finalmente começa a mostrar o corpo feminino como ele é: simplesmente diferente do corpo do homem. Em alguns aspectos menos resistente; em outros, mais resistentes, e por aí vai (aliás, os vários conceitos de fragilidade caem por terra quando se sabe que a média de vida das mulheres é, em geral, oito anos superior à dos homens)...

As "garotinhas" do Brasil

Apesar das várias dificuldades que a mulher ainda enfrenta no esporte, a situação hoje, em nosso país, certamente faria corar o barão de Coubertin. Há mulheres por toda parte, fazendo não só as modalidades mais facilmente "aceitáveis", como natação, mas também aquelas consideradas tipicamente masculinas, como o futebol. Nove mil mulheres dão braçadas profissionais atualmente nas piscinas do Rio; 200 estão inscritas na Federação de Judô do Rio; e até na Federação de Pugilismo as saias já apareceram: 30, por enquanto. Em São Paulo, segundo uma matéria publicada pelo **Jornal da Tarde**, há mais mulheres do que homens frequentando cursos de defesa pessoal.

No futebol, as mudanças são sensíveis. Até o ano passado, o Conselho Nacional de Desportos **proibia** a prática do futebol feminino, sob a alegação do ex-presidente Giulite Coutinho de que "a mulher é muito frágil para um esporte tão violento". Nos anos 70, a polícia carioca chegou a ameaçar de interdição os clubes onde se praticasse futebol feminino. Mesmo assim, a prática foi se difun-



Isabel já virou musa, e hoje ganha Cr\$ 5 milhões por mês com vôlei



A Hortência, do basquete, diz que acha bonito mulher que tem músculo

Nos antigos Jogos Olímpicos, na Grécia, as mulheres não podiam nem entrar nos estádios; agora, milhares delas se preparam para competir nas Olimpíadas de Los Angeles.

No Brasil, as mulheres já estão em todas as modalidades esportivas, provando, com muita garra, que correr, pular, nadar, saltar, jogar, lutar não são "coisas de homens".



Conceição: uma "superatleta subdesenvolvida", campeã em heptatlo

dindo rapidamente, das "peladas" da praia e do subúrbio até os grandes clubes. Hoje, existem cerca de 3.000 times espalhados pelo País, e 1.615 jogadoras registradas só na Federação de Futebol do Rio de Janeiro (o número de homens registrados lá é de 15.185). O time mais famoso é o Esporte Clube Radar, de Copacabana, criado em 1981, e que em 82 foi à Espanha e ganhou, de goleada, todas as partidas disputadas com equipes espanholas. Suas jogadoras já ganham 60 mil cruzeiros por mês, e estão satisfeitas com o bicampeonato, conseguido em janeiro deste ano, na II Taça Brasil de Futebol Feminino. O reconhecimento do futebol feminino como esporte é um exemplo típico de como as coisas funcionam neste País. Em 82, o então presidente do Conselho Nacional de Desportos, general César Montagna, reconhecia que a prática se tornara generalizada: ele mesmo tinha uma filha que, àquela

altura, já jogava futebol num clube de Teresópolis. Mas a oficialização mesmo, tudo como manda o figurino, inclusive com a publicação de um decreto no Diário Oficial, só se deu em abril de 83. Agora, a própria FIFA está apoiando a realização da I Copa do Mundo de Futebol Feminino, em julho do ano que vem, ainda não se sabe aonde, mas provavelmente no Havai.

Conceição: "eu nunca fui de brincar de casinha"

Se entre as jogadoras de futebol há a filha general Montagna ou a filha do Márcio Braga, presidente do Flamengo, a grande maioria é de famílias bem pobres. Como Conceição Aparecida Gernias, 27 anos, presença certa em Los Angeles concorrendo em heptatlo — modalidade de atletismo que inclui cor-

rida, salto e arremesso. Ela é uma das dez melhores do mundo em heptatlo, medalha de ouro no Pan-Americano de Caracas, salário de Cr\$ 700 mil mensais, patrocínio de uma rede de supermercados.

Conceição, chamada pela revista Placar de "superatleta subdesenvolvida", nasceu numa fazenda perto de Campinas, e desde cedo plantava arroz e milho na rocinha da família. Foi na escola da roça que ela teve o primeiro contato com o esporte: "Eu nunca fui de brincadeira parada, de casinha. Quando eu era criança, a única coisa que eu gostava era de pular corda e apostar corrida. Corria no meio do pasto. Na 2ª série, começaram as aulas de educação física. Um dia a professora precisou de umas meninas para ir num campeonato mas não me incluiu. Ai fui pra rua, de uniforme, correr pra ela ver. Então comecei a treinar numa construção ao lado da escola, e com 13 anos fui treinar em São Bernardo. Lá me falaram das viagens, de avião, de conhecer o mundo. Eu morava no meio do mato e só de pensar que poderia viajar assim, fiquei empolgada." Com 14 anos, foi convocada para a Seleção Paulista Adulto, e ganhou a prova dos 200 metros. No mesmo ano, foi para o Torneio Sul-Americano no Peru, e desde então está na Seleção Brasileira.

Foi um malabarismo muito grande, para ela, conciliar a Seleção com as outras coisas da vida. Aos 15 anos, passou a trabalhar de empreita na colheita do café — treinar, só aos sábados e domingos. Depois, foi tomar conta de crianças na piscina de um clube (detalhe: não sabia nadar!), em seguida trabalhou na Prefeitura de Campinas, sempre num esquema de treinar de manhã, trabalhar à tarde e estudar à noite. Não dava tempo nem de almoçar e jantar. Resultado: uma anemia profunda.

Conceição diz que muitas meninas pararam de correr por medo de ficarem musculosas. "Mas esse negócio de criar músculos, de ficar masculinizada, é o tipo de coisa que a gente não tem que se preocupar. Sempre achei que isso não tinha nada a ver, é uma coisa natural. Quando pensei em namorar, pensei em namorar um atleta, porque ele já sabe que atleta não é assim tudo bonitinho, tudo certinho."

O casamento veio aos 19 anos, com um atleta de Ribeirão Preto, mas durou só quatro meses. Agora Conceição namora o Chicão, irmão do João do Pulo. Vive na casa dos pais, em Campinas, junto com uma filha de cinco anos. "Os dois primeiros meses de gravidez, cheguei a competir. Ela nasceu de cesariana, e 39 dias depois comecei a correr. Seis meses depois que ela nasceu, bati o recorde brasileiro de pentatlo. Amamentei até os nove meses, mas aí fui para o Sul-americano e tive que tomar injeção para secar o leite."

Hortência: "todo mundo pensava que eu era homem"

A barra que Conceição enfrentou para "se estabelecer" no mundo dos esportes reforça uma observação de uma das estrelas que sobem atualmente, a conhecida Hortência, 27 anos, da Seleção Brasileira de Basquete: "Você pode reparar que a maioria das atletas bem sucedidas é pobre. Porque o pobre não tem preconceito. Pobre diz: vai, minha filha, vê se consegue dinheiro."

E Hortência conseguiu: é, hoje, uma das mais bem pagas atletas brasileiras, e considerada por muitos a melhor jogadora de basquete do mundo — mesmo depois da derrota da Seleção, que não conseguiu classificação para as Olimpíadas. Hortência vem aparecendo muito ultimamente, dando mil entrevistas à imprensa. E com um discurso muito parecido com o das feministas: provar que, apesar de não ter seguido o modelo feminino apesar de bem sucedida numa área masculina, é mulher.

"Nunca fui muito de usar vestidinho com babadinho, mas sempre me preocu-

pei com a Hortência mulher. Fora da quadra sempre procurei mostrar o que tenho de mulher. Quando eu era pequena, ninguém pensava que eu era mulher. Todo mundo dizia que eu era homem. Mas isso nunca me humilhou porque eu gostava de mim do jeito que eu era, adorava jogar bola, não ligava. De repente, pintou esse lance de jogar basquete e todo mundo dizendo que jogadora de basquete era sapatão. Mas eu nunca liguei, porque não sou."

Dia desses, pra mostrar que mulher atleta não deixa de ser mulher — de gostar, por exemplo, de ficar bonita, preocupar-se com a aparência etc. — Hortência deixou-se filmar pela TV Globo, junto com Suzete, também da Seleção, indo a um cabelereiro em São Paulo. A reportagem, feita pela única repórter de esportes da Globo em SP, Kitty Balleiro, ficou bonita demais: ao som de uma música de Joyce, "Feminina", Hortência e Suzete davam um tempo da puxada concentração para arrumar o cabelo, se maquiar, essas coisas. Pois não é que, depois que a reportagem passou, o apresentador do programa, Osmar Santos, saiu com uma de doer? Ele disse algo do tipo: "Essas meninas jogam uma bola que não é fácil, mas elas são feinhas, feinhas..." O "feinhas" doeu fundo nas duas, que no dia seguinte responderam: "Garotinho, você pisou na bola..."

O preconceito, o olhar que não reconhece a mulher inteira, só uma parte (como querendo dizer: "você joga bem, mas também não me venha querer ser bonita, ser mulher"), como se vê, não é exclusividade dos muitos homens que, nos campos e nos estádios, atropalham jogos chamando as jogadoras de sapatões. E pode estar presente até no Osmar Santos que, além de ótimo apresentador de tevê, é o nosso "locutor das diretas".

Enquanto isso, Hortência vai em frente. Se ela posa para fotos estilo "capa da Nova", publicadas nas colunas sociais, também está interessada em começar a mudar o conceito de beleza. "Eu acho bonito mulher que tem músculo, uma mulher que tem perna dura. As coisas mudaram..."

Isabel: "até um tempo atrás, casamento era profissão"

É, as coisas mudaram. Que o diga um dos maiores ídolos (êta língua machista essa nossa, em que não tem a palavra "ídola") do esporte brasileiro atual, a "Isabel do vôlei". Ela virou uma musa, faz até comerciais para televisão, e hoje, aos 24 anos, pode viver bem com o salário de 5 milhões por mês. No último Mundial da Argentina, jogou grávida de quatro meses, contra a vontade dos técnicos. E sua maior "ginástica" é conciliar os jogos com o exercício de ser mãe de Pilar, 5 anos, e de Maria Clara, um ano. "Isso pinta não é só com o voleibol, não é só com o esporte. Até um tempo atrás o casamento era profissão, e isso está mudando, graças a Deus, não só no voleibol como em outras áreas."

É, Isabel, as coisas estão mudando, graças a Deus e às inúmeras "garotinhas" que vão agora defender o Brasil em Los Angeles, graças às centenas de outras mulheres falando dezenas de outras línguas que também se encontrarão em Los Angeles em julho. E que devem fazer um festão — festas íntimas, consigo mesmas, de desafios vencidos; festas públicas com seus contêrreiros; festas que podem não ter sido previstas pelas mulheres de Atenas, mas aposte que foram pelo menos vislumbradas por uma ou outra, num intervalo entre um ponto e outro nos longos bordados que, no pano ou na vida, também continuamos a tecer.

Adélia Borges

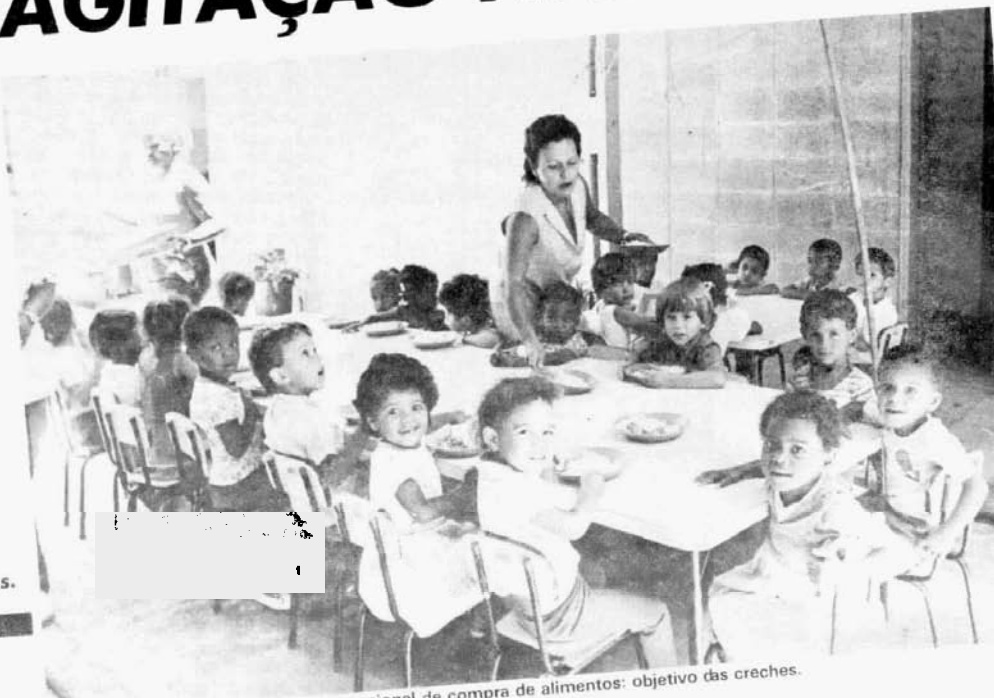
* Esta matéria foi redigida com informações cedidas pela revista Placar e pelo Globo Repórter, e com a colaboração especial da repórter Regina Echeverria, que fez quase todas as entrevistas.

AGITAÇÃO NAS CRECHES

Quem pensou que a luta por creches era fogo-de-palha se enganou: o pedaço anda num agito só.

E mais, a luta está se espalhando pelo País afora.

Vários textos e materiais visuais como vídeos e filmes estão sendo produzidos. Joinville, Juiz de Fora, Osasco e outros municípios estão criando suas redes de creches, tudo isso dando força à palavra de ordem: creche é um direito da população. Também para fazer valer esse direito, a Câmara Municipal de São Paulo instalou uma comissão especial de inquérito (CEI) sobre creches em outubro do ano passado, que terminou agora em maio com resultados muito positivos.



Alimentação saudável e um sistema racional de compra de alimentos: objetivo das creches.

A realização da CEI sobre creches na Câmara Municipal de São Paulo pode ser encarada como um ítem marcado pelo País na busca de soluções para o atendimento da criança pequena. Ao longo de 13 sessões foi chamada a depor uma gama variada de profissionais, militantes e representantes do governo: educadores, nutricionistas, cozinheiras, pajens, mães, secretários de Estado e municipais e o próprio prefeito de São Paulo, Mário Covas. Essa diversidade de depoentes permitiu discutir os vários temas sob diferentes perspectivas e fazer eclodir a contradição onde ela se encontrasse. E foi exatamente esse um dos pontos altos da CEI: possibilitar a utilização de um canal para problematizar, indagar, questionar os caminhos que vem seguindo no Município a implantação de uma rede pública de creches.

A CEI dispõe de materiais (relatório parcial e cartaz) que podem ser solicitados ao gabinete da vereadora Ida Maria (presidenta dessa CEI) na Câmara Municipal de São Paulo.

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de São Paulo fez uma grande conquista: incluiu em sua convenção coletiva de trabalho (em vigor entre 11/83 e 10/84) uma cláusula sobre a criação de creches. Diz ela: "As entidades representativas dos trabalhadores em conjunto sugerirão e promoverão estudos e medidas cabíveis para criação e implantação de creches, com o objetivo específico de incrementar o amparo à maternidade e à infância. Para tanto, as partes juntar-se-ão em estudos e sugestões de comissões técnicas específicas, que serão criadas para cada base territorial, a serem constituídas no prazo de 60 dias."

Parece pouco, mas esta é a primeira vez que se menciona a questão da creche num acordo coletivo de trabalho.

Foi publicada recentemente uma experiência desenvolvida por Mariaugusta Rosa Rocha sobre treinamento de pajens (ou monitoras) para trabalharem em creches da periferia de Salvador. Esse projeto foi particularmente importante pelo fato de se preocupar com a qualidade do atendimento, oferecendo oportunidade

às pajens de estagiarem em diferentes instituições. A experiência foi publicada em *Pathpapers* n.º 10, março de 83 (contatos com Mariaugusta Rosa Rocha, CESUN, Av. Edgar Santos s/n.º, Narendiba, Cabula, Salvador, fone (071) 231-2142).

A equipe da Fundação Carlos Chagas que trabalha com o assunto também tem estado ativa, com a produção nos últimos meses de materiais sobre "pajens", modo pelo qual são chamadas indevidamente aquelas profissionais que lidam nas creches diretamente com as crianças. Publicaram dois textos: "Os profissionais da creche" (revista CEDES n.º 9), onde analisam esta função que ainda não conseguiu compor uma identidade profissional; e "Trabalhando com pajens" (Cadernos de Pesquisa, maio de 1984), descrição de uma sistemática de sensibilização de pajens que utilizaram num encontro realizado em Piracicaba em 1982. Produziram também dois vídeos em sistema VHS (duração de 15 minutos cada): "Pajens" e "Encontro de Pajens", que estão sendo usados como material de sensibilização nas creches. Os vídeos podem ser emprestados e a equipe se dispõe a organizar grupos de discussão com pajens, técnicos, supervisores e pais. Contato: Sylvia Cavazin, Maria Malta Campos ou Fúlvia Rosemberg, Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, 05513, São Paulo, fone (011) 211-4511.

Foi realizado em Minas Gerais o I Congresso de Creches. Para mostrar como a política social está funcionando na área — que o grupo resumiu muito bem no título do 5.º ato "Antes disso do que nada" —, a creche Casinha da Vovó (Vale do Jatobá, MG) montou e apresentou a peça "As creches comunitárias e os órgãos públicos". Tivemos informação que a apresentação foi gravada em vídeo. Informações com Livia Maria Fraga Vieira, R. Pe. Marinho 211-A, Santa Ifigênea, 30000 Belo Horizonte.

Na cidade paulista de Ribeirão Preto, um grupo ligado à Universidade de São Paulo vem realizando uma série de trabalhos práticos e de pesquisa sobre as creches da região. Assim é que Maria,

Clotilde Rossetti Ferreira escreveu para os *Cadernos de Pesquisa* (n.º 48, fev. 1984) um artigo sobre "apego", conceito usado e abusado em psicologia da criança e que constituiu, durante certo tempo, num verdadeiro freio "científico" à expansão das creches.

Terezinha Picolo, do mesmo grupo, defendeu uma tese de mestrado sobre "O Discurso e a Realidade do Atendimento de Crianças em Creches" onde, entre outros aspectos, avalia a qualidade da estimulação recebida pelas crianças.

Uma outra realização de Ribeirão foi o filme "A arte de varrer para baixo do tapete" (versão em 8mm e em vídeo VHS que acompanha, em paralelo, o dia da criança na creche e o da mãe bóia-fria no canal). Contatos com Maria Clotilde Rossetti Ferreira, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Av. dos Bandeirantes, 6/n.º, 14100 Ribeirão Preto, SP, fone 634-6255.

Fúlvia Rosemberg

A política do cotidiano

Para se ter uma idéia da precariedade que se enfrenta no cotidiano das creches, reproduzimos aqui parte do depoimento de Maria da Pureza, cozinheira da creche municipal do Jardim Primavera, em São Paulo, prestado na 4.ª sessão da CEI, sobre alimentação:

"Uma incoerência é não termos utensílios de cozinha que facilitem o nosso trabalho. Não temos colheres de pau para mexer as grandes panelas. Só temos espumadeiras, umas duas dúzias, todas sem cabo. Trabalhamos com grandes frigideiras e panelões, mas as bocas do fogão são pequenas. Temos que ficar esperando um alimento cozinhar, desocupar aquela boca, para então começar a fazer outro. Os liquidificadores são enormes, de tamanho profissional. Quando temos que bater pequenas quantidades de alimentos, é muito complicado. Então, são pequenas coisas que emperram o bom andamento do trabalho.

Temos orientação das nutricionistas sobre os cuidados de higiene que devemos ter para evitar contaminações. Mas, em nossa creche, não podemos armazenar alimentos nas prateleiras, porque quando chove a parede fica tão úmida que os alimentos emboloram. Às vezes temos que jogar comida fora, o que é um absurdo!

As nutricionistas também nos pe-

dem que façamos cardápios bem variados, mas como? se a gente quer fazer um purê de batatas e não tem leite; e se usamos o leite que é distribuído, vai fazer falta para o café com leite ou para as mamadeiras. Então, temos que fazer o purê de batatas com água!

Outro problema que a gente enfrenta é que não nos entregam farinha de trigo. Ora, a farinha de trigo é fundamental para o preparo de diversos alimentos, como bolos, biscoitos, bolinhos, mingaus, suflês ou para engrossar um caldo. E as crianças adoram bolo. Para eles é uma festa, mas não podemos fazer. Só nos entregam produtos industrializados, que são até mais caros, e que as crianças têm rejeitado porque já estão enjoadas. A gente tem que fazer ginástica e milagres para variar o cardápio."

Diante dos depoimentos, surgiram na CEI de alimentação propostas tais como a descentralização da compra de alimentos; incentivo à organização de hortas nas próprias creches, que assim poderiam cultivar legumes e verduras, além de torná-las uma atividade a ser desenvolvida junto às crianças; substituição de produtos industrializados por produtos naturais, que podem ser transformados (como a farinha de trigo).

Leda Orosco

Música

Homens da vida

Milton Nascimento e Fernando Brant já nos deram a beleza de **Maria, Maria**, uma espécie de hino do movimento feminista brasileiro, final obrigatório e emocionado de nossas manifestações. Agora esses dois compositores mineiros fizeram outra música lindíssima, **Mulher da Vida**, infelizmente gravada até agora apenas por Simone, cantora um pouco plastificada demais pro meu gosto. A música recupera e dá outro sentido pra essa expressão singela e corriqueira, "mulher da vida", que a gente ouve todo dia como sinônimo de puta (sinônimo, aliás, de quase todas as composições com a palavra "mulher"... Pegue o insuspeito dicionário do Aurélio e constate, é uma coisa até instrutiva). A letra de **Mulher da Vida** é tão bonita que o melhor mesmo é copiar, como a gente fazia nos cadernos de mocinha:

"Mulher é muito mais / que ter um sexo / É mais que ser do homem / complemento / É mais que ser o avesso / e o diverso / Mulher é muito mais / que sofrimento / Mulher é muito mais / que companhia / É mais que ser sujeito / ou objeto / É mais que ser amor / e alegria / Estrela montenegro / do universo / Mulher é muito mais / que mãe e filha / É mais do que eu penso / do infinito / É mais que ser amante / ou rainha / Mulher é muito mais / do que o bonito / Mulher é a vida / A vida é mulher / Toda mulher é / Mulher da vida "

Adélia Borges



Nome de modess?

É inevitável: "eu sou free, sempre free, eu sou free demais" vira "eu sofri, sempre free, eu sofri demais". E está criada a ambigüidade que, a meu ver, é o grande lance dessa música que faz sucesso nas rádios e traz à tona o **Sempre Livre**, grupo de músicas cariocas em seu primeiro LP.

Nome de modess? Sim, mas também o nome dessa banda feminina que brinca: "somos absorventes demais e tocamos com sangue". Negando-se a serem consideradas feministas, elas reivindicam, em entrevista à revista "Domingo", do Jornal do Brasil, "que a indústria faça instrumentos para mulher, mais leves, corda mais suaves, e que todos passem a encará-las como profissionais". Mais ainda, os estúdios não têm instalações sanitárias adequadas para mulher. Conclusão: "Instrumentos não são feitos para mulher" técnicos também não e estúdios também não", elas dizem — e com razão...

Inês Castilho



Dusek e as Domésticas

Desde que ouvi **Brega Chic** no rádio pela primeira vez, fiquei ligada. Gostei da irreverência de Dusek ("troque seu cachorro por uma criança pobre"). Mas as empregadas domésticas reagiram. Conheço pouquíssimas que gostam da música.

Ouvi comentários aqui e ali: "a gente já leva uma vida desgraçada, ainda por cima prendem a gente por engano e dizem que depois a gente vira prostituta" (referindo-se à letra da música). E finalmente o protesto toma forma pública: a Associação das Empregadas Domésticas, em São Paulo, declara que suas associadas sentem-se ultrajadas por uma música que identifica a categoria profissional com as prostitutas. Falam inclusive em abrir processo contra o compositor.

Que desencontro! Acho que por esse Dusek não esperava, nem era sua intenção. A impressão é que o mais irritante na música é seu tom, a forma irônica com que Dusek pronuncia a palavra "doméstica", usada aliás em vários sentidos, referindo-se à dona-de-casa, à empregada e insinuando este espaço privado no qual as mulheres vivem. Só que o desprezo que Dusek traduz não é dele, sua música é uma denúncia do modo como são tratadas e vistas as empregadas domésticas (e aliás o mundo doméstico em geral) neste país.

Acontece que Dusek tocou num ponto nevrálgico, um fantasma, que para as empregadas domésticas é o inominável: identificá-las com as prostitutas. Entre as mulheres pobres que, em grande parte, trabalham como domésticas, a condição de prostituta é muito próxima. Parece que por isso mesmo precisam tanto diferenciar-se. Uma é a mulher "direita", trabalhadora; a outra ocupa o lugar do pecado, é "perdida".

Se a música ofende, que se reaja, mas não contra Dusek. O protesto é contra uma sociedade que trata e vê as empregadas domésticas como Dusek diz: "sem carteira assinada, o salário era tipo um horror". A sua maneira ele ajudou, nomeando coisas que de tão habituais são silenciadas entre nós: o lugar da empregada doméstica, além do preconceito racial (a maioria das empregadas domésticas é negra ou mulata). Tanto que a vingança da doméstica é casar-se com um barão, loiro e alemão: "realizada em sua mansão em Stuttgart, ouvindo Mozart e Beethoven de montão, com uma pivete mulatinho pela casa, que era herdeiro de olho azul como um barão". A baronesa mulata contrata então como empregada "uma loira meio brega, uma ianque de quintal".

Acho ainda que Dusek foi corajoso, porque fala do ponto de vista de quem está do outro lado, sem falsas identificações. Não toma para si a posição do oprimido, essa adesão tão comum na esquerda, mas nem sempre sincera, porque baseada mais na culpa que numa identidade verdadeira.

Cynthia A. Sarti

Cinema

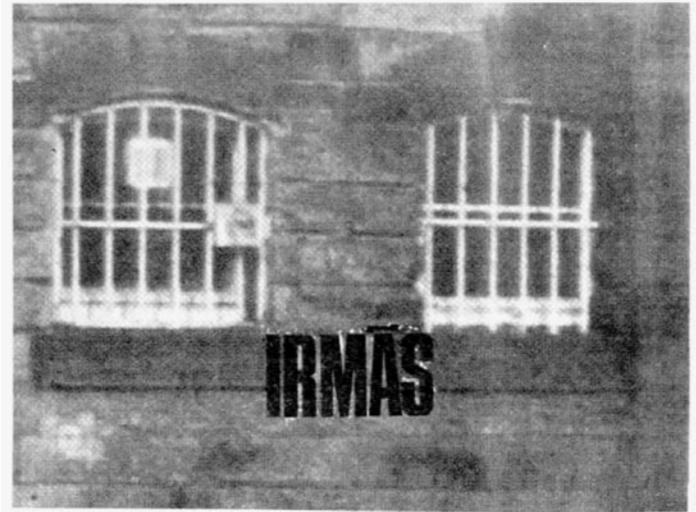
Novela das oito

Laços de Ternura ("Terms of Endearment"), de James L. Brooks, com Shirley MacLaine, Debra Winger e Jack Nicholson.

No momento em que as feministas retomam o tema da família, numa busca de novos caminhos para a questão da mulher, como reação aos impasses criados pela perspectiva excessivamente individualista do feminismo, surge **Laços de Ternura**, filme premiadíssimo pelo Oscar, grande sucesso.

O filme nos pega pelas emoções mais rasteiras. Novela das 8, excelentes atores, bom trabalho técnico, tudo para nos envolver. Acaba o filme e tem-se a impressão de que se viu um bom filme. Passam-se alguns minutos e me sinto lúbrica.

Cynthia A. Sarti



Os Anos de Chumbo, de Margarethe von Trotta, é um filme impecável sobre um assunto intratável, o terrorismo alemão da década de 70. Bandidos ou mocinhos? O filme foge ao mérito da questão, na verdade recria uma atmosfera. Uma atmosfera malsã, carregada de culpa. Baseia-se na vida de Ulrike Meinhoff (Gudrun Esslin, na vida real), ou melhor, na de sua irmã.

A heroína é a irmã feminista da guerrilheira urbana, duas caras plausíveis da nova esquerda daqueles anos. Uma escolheu não ter filhos para levar a vida emancipada que deseja, a outra abandona o filho para se ocupar da fome das crianças do Terceiro Mundo. Da terrorista, que vemos com os olhos da irmã, com amor e carinho, mas de fora, sabemos que era bem comportada em criança, o encanto dos professores e a querida do papai, que dava um jeitinho nos escândalos provocados pelas calças compridas, cigarros e roupas pretas "existencialistas" da ansia contestadora da mãe velha. Cheia de bons sentimentos e conformista. A sombra de um enorme crucifixo que as amendrotava na infância, na casa do pai, pastor protestante, acompanha as irmãs.

A cumplicidade e rivalidade entre irmãs é um tema querido de Margarethe von Trotta, que fez também "Irmãs", onde em circunstâncias mais banais a perfeição de uma oprime tanto a outra que a leva ao suicídio. Não é fácil ter uma irmã, muito menos uma irmã menor e filha predileta, invadindo os espaços, cobrando uma adesão incondicional. Não é fácil também ter uma irmã nos cartazes, perseguida, arriscando a

vida em tiroteios. Uma irmã sectária que, presa, recusa visitas e solidariedade em termos "burgueses". E não é fácil agüentar o fracasso no dever de protegê-la contra os perigos da floresta. (Neste filme, como em "Alemanha, Mãe Pádua", de Helga Saender-Brahms, a crueldade e o sadismo das histórias infantis são explorados com efeito surpreendente.)

A irmã presa, torna-se possível cuidar dela, providenciar roupa, comida, advogado, lembrar os bons momentos da infância e os medos, trocar sueteres (numa cena linda). Assistimos gelados o avanço tecnológico nas condições de detenção, câmaras, o vidro que impossibilita o contato na visita, micros, celas insonorizadas. Uma parafênalia desumana e asséptica que faz parecer aconchegante a truculência da prisão inicial.

A morte da irmã torna-se falha pessoal, na medida em que se deixara levar pelo namorado para um passeio na Itália. Suicídio ou assassinato? Ela passa a se dedicar obsessivamente à busca da verdade (perde até o namorado, meigo e compreensivo), que logo não interessará a mais ninguém. Vai agora fazer o que no início do filme recusara: cuidar do sobrinho, vítima de um atentado armado pelo ódio à fama da mãe.

Em nome da revolução e da emancipação da humanidade se movem personagens autoritários, dogmáticos, pouco interessados nos outros, de afeto congelado. "Uma geração antes e teríamos sido nazistas" — diz num certo momento a feminista à guerrilheira, lembrando-nos do perigo da adesão incondicional a qualquer ideologia.

Teatro

O poder a quem não ama

A festa começa na porta. A bilheteria ostenta lotação esgotada. A peça *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant* é um acontecimento cultural: Fernanda Montenegro e Rainer Werner Fassbinder, o diretor alemão de cinema e teatro que produziu como um louco e morreu cedo.

Petra tem 45 anos, é estilista de moda e tem muito sucesso. Lutou por ele, a carreira passa na frente. Exibe o gosto do trabalho, da competição e do sucesso, conhece as regras do jogo. Petra paga por sua independência e tranquilidade. Num mundo onde tudo se compra, vai mais tarde comprar também uma namorada. Vive só, um primeiro marido morreu e o segundo, de quem mais se fala, sucumbiu desgosto de ver a mulher ganhar mais que ele.

A peça trata do caráter feroz e impiedoso das relações humanas; a mãe explora Petra, Petra explora a secretária e é explorada pela amante. Fassbinder destrói nossas ilusões, nada mais parecido com um casal heterossexual do que um casal homossexual. Contam as diferenças de classe, idade, gosto, poder aquisitivo e ritmo amoroso. Tem poder quem não ama. Assim Petra põe tudo a perder quando conhece Ingrid, uma jovem grossa, de classe operária, mas sem disposição para o trabalho, e bonita de doer. Como quem vai envelhecendo gosta de elasticidade e beleza sempre emocionada, Petra se apaixona. (A cena do jantar sedução é antológica) Juntas vivem maus momentos: agressão, ciúme, embriaguez. Segue-se a partida de Ingrid em vôo de primeira classe financiado por Petra. Abandonada, Petra perde o norte, todo e qualquer interesse, é sofrimento em estado puro. (Ao contrário do que acontece no filme *Laços de Ternura*, a platéia não chora). A jovem vira manequim do Pucci e a festa de aniversário de Petra é uma desolação. Redimida por tanto sofrimento, Petra tenta ser humana e conversar com a secretária e esta, possuidora de uma aguda noção das conveniências, arruma a mala. A desumanidade é o certo.

Um conto de fadas dos nossos dias. Seguimos tudo isso, num folego só, sem intervalo, vidrados nos gestos, falas, movimentos, pausas, nos braços, nos olhos de Fernanda Montenegro.

As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant, de R. W. Fassbinder, com Fernanda Montenegro, Renata Sorrah, Rosita Thomas Lopes, Juliana Carneiro da Cunha, Joyce de Oliveira e Ana Ventura. Teatro Cultura Artística, São Paulo.

As bruxas estão no Rio

Estréia dia 13 de em junho, no Petit Studio, em Ipanema, Rio de Janeiro, o espetáculo *As Bruxas estão Soltas*. "Em diversos tons (dramático, lírico, tragicômico, delirante e principalmente humorístico), a peça procura abordar temas e sentimentos que, explícitos ou não, estão presentes nos corações, mentes, sangue, músculos, fantasias e cotidiano de nós, mulheres", diz uma das autoras do texto, Isis Baidão. A equipe profissional de *As Bruxas estão Soltas* é toda integrada por mulheres.

Roteiro — Isis Baidão e Maria Lúcia Vidal; pesquisa — Hildesía Medeiros; direção, cenários e figurinos — Maria Lúcia Vidal; coreografia — Regina Miranda; música — Vera Terra; elenco — Ivete Miloski, Maria Alice Mansur, Solange Padilha, Terezinha Marçal e Thais Balloni.



Muito prazer no Orgasmo...

Diversão e reflexão da condição feminina é o que traz ao palco a montagem de *Um Orgasmo Adulto Escapa do Zoc lógico*, no Teatro Sérgio Cardoso, São Paulo. Uma aula prazerosa de teatro em que o célebre distanciamento brechtiano, longe de ser identificado a um noção de frigidéz cênica, leva aos espectadores múltiplas possibilidades de identificação com uma carga crítica capaz de desestabilizar qualquer maniqueísmo n pensar a libertação da mulher.

Os personagens — a menina e sua boneca enfrentando a relação com o muro do masculino, a dona-de-casa enclausurada, a puta (uma grande sacada: interpretada por Ricardo de Almeida, dissonando o estranhamento), a operária Média — não são as pobres vítimas de uma sociedade hostil, mas cúmplices irquietas das armadilhas que ajudaram tecer.

A identificação — permitida pela riqueza do texto e do gesto capturado do cotidiano de forma acurada — se choc com uma montagem anti-naturalista po excelência que muitas vezes opõe corpo palavra, fazendo surgir desse antagonismo uma abertura, muitas perguntas.

Interessante observar que no monólogo *Eu, Ulrike Meinhoff*, onde o tema mais diretamente político, há uma quebra brutal — única heroína sem arestas o personagem, no entanto, explicita er sua fala a função do próprio teatro — dirigir-se aos "fodidos e às mulheres de todo o mundo" e propor o escárnio.

Denise Stoklos (maravilhosa!) promoveu uma sessão especial para as mulheres e se dispõe a viajar, levando a peça a outras cidades e estados. Aproveitem entrem em contato com ela: Rua Cacild Becker 96, Cep 04704 São Paulo, tel (011) 61-0545.

Um Orgasmo Adulto Escapa do Zoc lógico, de Dario Fo e Franca Rame (a imprensa diária sempre omite o nome dela). Direção de Antonio Abujamra. Cenário de J.C. Serroni. Com Denis Stoklos e Ricardo de Almeida.

Literatura

Quem tem medo da Pornografia?

Certa vez, indagado se não se considerava um explorador das mulheres, o multimilionário dono da *Playboy* Hugh Hefner respondeu: "Das mulheres? Não! Acho que minhas vítimas são os homens!" Essa instigante afirmação desloca a pornografia para um outro campo, bem mais amplo, que aquele inicialmente delimitado por grande parte das análises feministas.

Pornografia diz respeito a homens e mulheres, e ainda que isso possa se dar de diferentes formas, quando esse discurso é tratado a partir de uma só perspectiva, a análise normalmente resulta em conclusões redutoras. Será que nós, mulheres, temos algo a aprender com o Sr. Hefner? Essa questão pode chocar muita gente, mas não custa especular. Afinal, o tema está aí, provocando-nos com sua complexidade.

Três recentes publicações resolvem enfrentá-lo, contribuindo para essa discussão. No livro *A Linguagem Proibida* (São Paulo, Ed. T.A. Queiroz, 1984), Dino Preti analisa minuciosamente um dicionário erótico publicado no início deste século em um pasquim, que explica seus verbetes num tom de galhofa característico da boêmia carioca. Num trabalho cuidadoso, o autor vai desvendando as tramas com que se tece este discurso, mostrando-nos como a comicidade joga com os polos pudor/despudor, estabelecendo uma cumplicidade entre autor e leitor e mantendo a velha dupla moral patriarcal.

De Coração

Cartas na Rua, de Charles Bukowski. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

Mulheres, de Charles Bukowski. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

Lê-se numa sentada só, dessas leituras que te prendem. Sobre a possibilidade/impossibilidade do amor, sobre a angústia. O estilo de Bukowski é conciso, seco, curto. Ele escreve como pensa, espontâneo. Ser, sentir, pensar e escrever se confundem numa coisa só. Sua escrita flui e a leitura é um prazer, tanto em *Cartas na Rua* como em *Mulheres*.

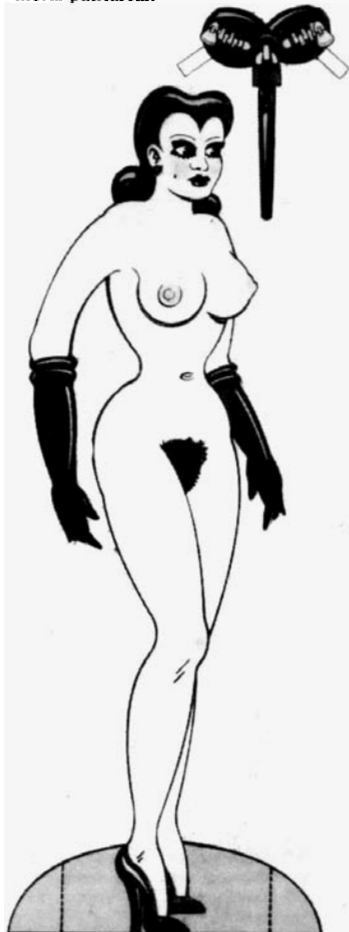
Os dois livros obedecem à ordem cronológica da biografia do autor. Bukowski foi carteiro. Baseado nesta experiência fez *Cartas na Rua*, o drama do trabalhador vivido no dia-a-dia, na sua subjetividade. *Mulheres* traduz clara e diretamente o imaginário masculino, em rodeios. Suponho que todos os homens se reconheçam de alguma maneira naquelas histórias. Para as mulheres, tem sempre agrada. As vezes dá raiva: "Se fosse comigo! Outras vezes, despara uma ternura imensa (quando ele diz que a maior intimidade está no beijo na boca e não necessariamente na transa).

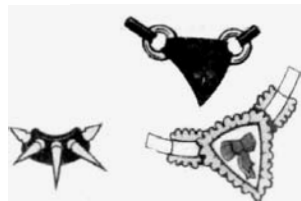
Bukowski/Chinaski é um beatnik dos anos 80. Não sei se pôs o pé na estrada. Sei que pegou duro no batente nos corries e agora vive de escrever.

Ele não se enquadra em nenhuma, em nada instituída. É do tipo que faz tudo pelo avesso. Pura irreverência, deboche. Como escritor, descola — uma grana regularmente lendo suas poesias nas universidades americanas, este comportamento e bem conceituado costume americano; nas, de preferência, bêbado, seu estado mais ou menos crônico. Um anti-herói, e nenhuma arrogância.

O que fez o personagem simpático é sua autoimagem, uma esculhambação. Não ridiculariza ou ironiza os outros, mas a sua própria figura: feio, barrigudo, vomitando. Não poupa nem a si mesmo. *Gauche* total. Apronta poucas e boas, mas leva outras tantas. Sem miséria. Seu olhar não esconde sua ternura pelas mulheres. Não é vítima das mulheres, como querem alguns homens, em seu alçoz, como gostam de pensar certas mulheres. Se neste jogo recíproco do amor, ele sabe se dar bem (não falta ma ponte de vaidade narcisista), também sabe se dar mal. Tudo com muito bom humor.

Espero que Chinaski volte, pessoalmente adorável.





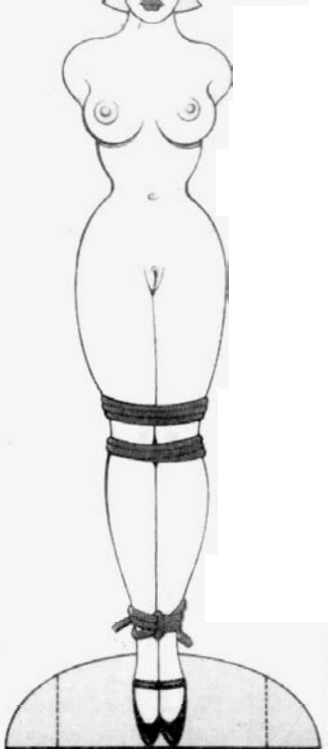
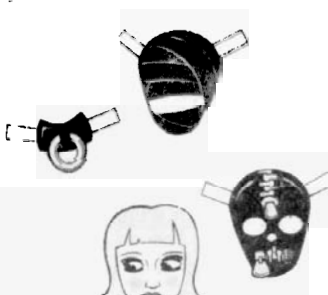
Já Gustavo Barbosa propõe-se a analisar Grafites de Banheiros: A Literatura Proibida (São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984) a partir de uma pesquisa realizada em sanitários de sete cidades brasileiras. Discutindo o banheiro como um espaço contraditório de liberação e controle do corpo, o autor contextualiza os grafitos, traçando inclusive um panorama da história do espaço doméstico brasileiro. O material colhido — 1008 grafitos verbais ou icônicos — é altamente inspirador, embora o autor peque por uma interpretação por demasiado literal. Algumas indicações interessantes valeriam uma análise mais aprofundada, como por exemplo as diferenças entre os grafitos masculinos e femininos.

Um terceiro trabalho, Pornografia e Sexualidade no Brasil (Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1983), de Carlos Roberto Winckler, procura tratar o tema à luz de questões gerais. Insistindo na idéia de que a pornografia é "recuperação burguesa da sexualidade", o autor lança-se num caminho escorregadio, desconsiderando qualquer hipótese sobre o imaginário erótico e reduzindo toda essa complexidade ao que ele chama de "hegemonia sócio-sexual burguesa", que não dá conta, nem de longe, das misteriosas questões da sexualidade. Com raciocínios demasiadamente mecânicos, ele acaba por desembocar em interpretações moralistas.



De alguma forma, esta postura de Winckler não está muito longe de uma certa atitude do feminismo em relação à pornografia. Grosso modo, o feminismo sempre posicionou-se contra a pornografia, sem nunca preocupar-se em evidenciar do que é que estava realmente falando. Afinal, se pensarmos em tudo o que é considerado pornográfico veremos que este conceito é bastante fluido. Basta nos lembrarmos das tantas e tantas obras de arte que outrora foram reputadas como obscenas e hoje são consideradas grandes clássicos. Ou então de livros malditos que deixaram de sê-lo quando, por trás de um pseudônimo, se revelava um autor "sério"... Por isso mesmo vale a pena refletir sobre a sugestiva afirmação de Alain Robbe-Grillet: "Pornografia é o erotismo dos outros"...

Acredito que para nós trata-se de repensar a questão num duplo movimento. De um lado penetrando mais profundamente no que até agora chamamos de imaginário masculino, para saber o que é que a gente tem a ver com ele. De outro, acho que poderíamos alargar este campo e tentar produzir também a nossa, ou melhor, as nossas pornografias. No plural mesmo. Em vez de restringir, alargar. E como na utopia barthesiana: propor tantas linguagens quantos desejos houver...



Sempre Free

Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito, de Carmen da Silva. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

É como um bom-bom: difícil de parar no primeiro. Como se trata de um livro, difícil de parar no meio. Sobrevivi ao banho de minha filha de 3 anos com o livro nas mãos, esqueci meu horário de sono. Como na história da Cinderela, queria saber como e em que hora Carmen da Silva se transformou em "mulheróloga" e nossa conselheira via revista Cláudia, como solucionou os problemas de relação conjugal e solidão, como enfim, sendo da geração da minha mãe, tornou-se uma mulher liberada. Agora que terminei o livro posso dizer: nunca li um livro assim. O escrito é bem humorado, mas a história é triste.

A história de Carmen começa na cidade de Rio Grande, onde nasceu, teve a primeira menstruação, frequentou procissões, livrarias e sorveu os primeiros exemplos de mulher. Aos 23 anos, órfã, mudou-se para Montevidéu ("pregorilas") onde trabalhou em uma firma de comércio exterior, frequentou a Bolsa, vestiu tailleur, fumou charuto. Seguindo os passos de um romance com o patrão, mudou-se para a Buenos Aires peronista. Acabado o romance tornou-se secretária na Embaixada do Brasil, escreveu o primeiro livro, conheceu o sucesso, as rodas literárias e as agruras da censura. Ah, não posso esquecer: foi analisada esses anos todos. Tudo isso regado a bom vinho, conforto, lazer e boas companhias. A marginalização política sofrida na Argentina trouxe-a de volta ao Brasil. Triste destino: desembarcou no Rio de Janeiro na véspera do golpe de 64. E aqui foi o que todo mundo sabe: escritora, jornalista e conferencista de sucesso.

Nessa altura você deve estar pensando que eu perdi o fio da meada. Triste? como, onde, quando? Mas, ao falar da sua vida, Carmen da Silva vai tirando os véus da ingenuidade e acaba desnudando não só sua vida de mulher liberada, mas a da minha mãe casada, a da minha irmã separada e a minha também, apesar de ser quase 30 anos mais nova que a escritora. A situação de depressão vivida por todas nós, principalmente dentro de casa, que leva à perda da nossa autoestima e identidade é apresentada com tal agudez que ao terminar o livro fiquei com um tremendo frio na barriga pois a conclusão é apavorante: em toda sua vida Carmen só conheceu dois homens que realmente gostassem das mulheres. Ela acredita que é impossível manter uma relação conjugal sem sentimento de culpa e perda de identidade com os demais seres, do sexo oposto ao nosso, por mais simpáticos, inteligentes, bonitos, agradáveis, ricos, femininos ou feministas que sejam.

O livro de Carmen da Silva é um livro

de memórias daí, quem sabe, não caber respostas. Mas o que é que eu faço, agora, com o frio na barriga? Separo do marido, largo da filha e vou viver minha vida numa "garçonnière"?

Foi esse caminho que ela escolheu: cavaleira andante, dona do próprio nariz. Não tem tempo de sentir solidão — pelo trabalho, pelos amigos e pelos gatos.

A humana questão do ser ou não ser, as dúvidas e o medo por percorrer um caminho sem volta não encontraram espaço nesse livro. Isso para mim é intrigante, pois, por mais que ela tenha exorcizado a culpa, a geração de Carmen da Silva é aquela que faz a ponte entre as precursoras feministas das primeiras décadas do século e a geração dos anos 60. É, se para nós questões como liberdade sexual, maternidade, família e carreira são aflitivas e difíceis de solucionar, como não teria sido para as mulheres que viveram antes da gente?



Sem moral

Um Telefone é Muito Pouco, de Silvia Escorel. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983. Cantadas Literárias.

Sofia, a heroína, sai por aí, pro quer der e vier, pelo mundo afora, provando que as viagens formam a juventude.

A história se passa num tempo em que se ia buscar a serenidade em Katmandu, não se acreditava em envolvimento afetivos, em que se usava o adjetivo psicodélico e se queria explorar todas as potencialidades da mente. Tem muitos cenários: Formentera, Istambul, Roma, Teerã e Israel.

As desgraças de Sofia, às voltas com todo o tipo de viagens, paz e amor, contrabando de drogas, trabalho não alienado num Kibbutz, seus amores, sua disposição malgrado de não aceitar os dias pelas noites, são pontuadas por cartas encantadoras e sensatas que recebe de sua tia Zelda do Brasil.

Sem moral da história, este é um livro delicioso, bem escrito, num estilo ágil, elegante e muito bem humorado.

COZINHA



As mulheres de olho na câmera

Pena-Prisão, de Sandra Werneck e **Como um Olhar sem Rosto**, de Maria Inês Villares, são médias-metragens sobre presídios femininos do Rio de Janeiro. São Paulo que estreiam juntos em São Paulo, agora em junho. O programa vale a pena e pode ser levado a qualquer cidade.

Vida de Mãe é Assim Mesmo? e Só no Carnaval, curtas de Eunice Gutman, foram lançados com sucesso em São Paulo. O primeiro é sobre o aborto e o segundo sobre os homens que só durante o carnaval se vestem de mulher.

Hysterias, de Inês Castilho, foi lançado em São Paulo junto com **Chapeleiros**, de Adrian Cooper, num contraste entre um universo feminino subjetivo, fragmentado e caótico e o mundo aparentemente ordenado e harmônico dos homens que trabalham numa fábrica de chapéus do início do século. O lançamento, seguido de debates, foi iniciativa do Sindicato dos Psicólogos.

Esses filmes podem ser alugados através da CDI — Cinema Distribuição Independente: Rua 13 de maio, 489, São Paulo, fone (011) 288-4694.

Os homens e a pornografia... no Canadá

"Os homens que se opõem à pornografia muitas vezes têm receio de confrontá-la por medo de serem abandonadas por seus amigos", afirmou em abril Bruce Wood, porta-voz do Grupo de Homens contra o Sexismo, de Winnipeg, Canadá. Ele deu uma entrevista à imprensa logo depois de depor numa comissão federal sobre pornografia e prostituição. Na entrevista, três outros membros do grupo cobriam com as mãos suas bocas, ouvidos e olhos. Eles só falaram para pedir 30 minutos de silêncio pelas mulheres que foram "estrupeadas, espancadas ou incomodadas pelos homens".

Lúcio Teles, de Toronto, Canadá

O CIM, em novo endereço

Se você tem interesse em documentação sobre a questão feminina e ainda não conhece o CIM — Centro Informação Mulher, está na hora de conhecer. O centro está aberto todas as 2^{as}, 4^{as} e 6^{as}, das 14 às 20 horas, agora em novo endereço: rua Leônicio Gurgel, 11, bairro da Luz, São Paulo. É uma antiga casinha operária, numa vizinhança inusitada para um grupo feminista: a Leônicio Gurgel é uma travessa da São Caetano, a "rua das noivas". Se você não puder ir até lá, pode fazer consultas por carta, através da Caixa Postal 11.399, CEP 05499. O CIM também está em campanha para ganhar novas sócias, que pagam uma taxa anual de contribuição de 5 mil cruzeiros. E se você tiver algum trabalho, documento ou informação (escrita, visual ou sonora) sobre a mulher, o CIM pede: mande uma cópia, contribuindo com um acervo que já é considerável.

O plano de saúde do Ministério

Com 450 milhões de dólares liberados pelo Fundo de População das Nações Unidas, começou a ser implantado em Goiânia, como projeto piloto, o Plano de Atendimento Integral à Saúde da Mulher, do Ministério da Saúde. O Plano, que desenvolverá basicamente os serviços de planejamento familiar, é bastante polêmico e surgiu de uma imposição feita pelo FMI com a finalidade de controlar o crescimento populacional.

Um debate sobre **Saúde da Mulher e Planejamento Familiar**, realizado no início de maio em São Paulo pelo Conselho Estadual da Condição Feminina, teve o importante papel de esclarecer o movimento de mulheres e grupos populares e de profissionais de saúde a respeito do Plano do Ministério. Durante sua elaboração, o plano foi incorporando sugestões de profissionais feministas e grupos preocupados há tempos com a saúde da mulher, tornando-se, ao menos "na letra", um projeto que pode ser interessante e atender às necessidades de controlar a fertilidade das mulheres. Cabe ao movimento e ao próprio Conselho, que assumiu esse compromisso, controlar a aplicação do Plano.

Em Goiânia, conforme relatou Ana Costa, da Secretaria de Saúde de Goiás, presente ao debate, o projeto inicialmente encontrou resistências em toda parte: nos parlamentares, na Igreja, nos grupos feministas. Mas, pouco a pouco, com o desenvolvimento do trabalho, foi incorporando as sugestões das feministas e hoje o Plano parece atender às necessidades da população feminina. Participou da aplicação do projeto em Goiás a médica feminista Maria José Araújo. Nas discussões de grupo, foram usados os folhetos do projeto **Esse Sexo que é nosso**, da Fundação Carlos Chagas.

Inês Castilho



Triste horizonte

Quem é dona-de-casa de um centro urbano grande como São Paulo, em que aparentemente os costumes são cosmopolitas e a mulher independente? Uma pesquisa de pós-graduação em marketing, feita por Itzhak Meir Bogmann, revela dados como estes: a atividade de lazer mais frequente da dona-de-casa paulistana é visitar e receber parentes. Difícilmente ela sai sozinha ou em companhia de outras pessoas que não o marido. Quase metade das donas-de-casa de São Paulo não têm qualquer tipo de conta bancária, e apenas 16% têm conta corrente individual. E, finalmente, a confirmação de que as atividades domésticas é que tomam a maior parte do dia de uma dona-de-casa, ou cerca de oito horas. Por ordem, estas são as atividades que tomam mais tempo de cada dia: assistir televisão (20% do tempo), arrumação e limpeza da casa (18%), cuidar dos filhos (15%), cozinhar (12%), cuidados pessoais (9%), compras (9%), lazer e divertimentos (4%) e trabalho e estudo (13%). Horizonte triste, não?

Menos caciques, mais índios

Pelo menos na lei, o homem já não será mais o chefe da família. A Câmara dos Deputados aprovou finalmente em maio o novo Código Civil Brasileiro, incorporando todas as sugestões que haviam sido feitas pelas advogadas feministas Florisa Verucci e Sílvia Pimentel. Agora, só falta o Senado apreciar o novo Código, mas a expectativa é de que ele seja aprovado sem modificações.

Na Câmara, a aprovação foi tranquila, sem longa discussões, apenas por votos simbólicos das lideranças dos partidos. Não houve nada dos debates acalorados e apaixonados da época da aprovação da lei do divórcio, por exemplo — afinal, a conjuntura política atual é outra e, se antes os deputados não tinham muito assuntos políticos para debater, agora isso é o que não falta.

E não é que o novo Código não tivesse pontos polêmicos e inovadores. Só no que diz respeito à questão da mulher, estas são as principais mudanças: a chefia conjugal agora é dividida entre marido e mulher, o pátrio poder também passa a ser partilhado pelos dois, caem os privilégios masculinos na administração dos bens do casal, o homem não pode mais anular o casamento ao constatar que a noiva não era virgem, e o pai não pode mais deserdar a "filha desonesta". Mudanças, como se vê, mais do que necessárias.

O projeto inicial de um novo Código Civil estava no Congresso desde 1975. Em novembro de 81, as advogadas Florisa Verucci e Sílvia Pimentel, após ampla consulta aos movimentos feministas, concluíram seu projeto de mudança de alguns itens do Código, dentro da parte do Direito de Família. Levaram-no à Câmara, junto com vários abaixo-assinados pedindo as mudanças. Em março de 82, a deputada Cristina Tavares (PMDB-PE) apresentou-o formalmente como projeto de lei. E o relator do projeto geral, senador Ernani Satyro (PDS-AL), incorporou as principais sugestões apresentadas pelas duas advogadas, no relatório agora aprovado. Uma vitória boa e merecida...

Adélia Borges

A sra. Leandro Dupré

Num país em que a imensa maioria das mulheres que escreve não têm coragem nem de mostrar seus escritos pras amigas, é sempre interessante saber que teve uma que vendeu milhões de exemplares. É o caso de Maria José Dupré, autora, entre outros, de **Framos Seis** — que, só ele, vendeu mais de um milhão de exemplares, em quatro países. Maria José morreu em maio, em São Paulo, com 86 anos de idade. A história dela tem lances que mostram bem o que é a transa da mulher escrever. "Aos 17 anos, comecei a me dedicar à música. Mas, quando conheci meu marido, primeiro violino de uma orquestra, fui deixando de tocar." (A renúncia...) Depois, ela começou a escrever quase por acaso: ao visitar uma família de amigos, conheceu três irmãs solteironas, que viviam trancafiadas em casa, porque o pai não lhes permitia nenhum passeio. Maria José ficou impressionada com a história delas, e quando chegou em casa escreveu seu primeiro conto, "Meninas Tristes".

Mas só teve coragem de publicá-lo assinando "sra. Leandro Dupré", porque acreditava que o nome do marido, então um engenheiro famoso, lhe daria "mais força". Depois, foram 20 livros, que fizeram a cabeça dos colegiais dos anos 60, inclusive a minha — que só agora, quando leio a notícia da morte de Maria José, começo a entender esses mecanismos que levam uma mulher a assinar o nome de um homem para se aventurar a dizer coisas.

A.B.



Os rapazes em pose oficial

Machinhos

Imagine: numa tarde chuvosa, um bando de homens eufóricos sai alegremente em passeata pelas ruas. Entre eles, um troglodita espancando e arrastando uma boneca pelos cabelos; um vaqueiro empunhando um gigantesco chifre; um drácula que, afoito, busca a próxima vítima (feminina, é claro). Em meio à agitação, faixas e cartazes com as palavras de ordem: "Os homens unidos jamais serão vencidos", "Mulher boazinha é de cama e cozinha", "Chifre com chifre, bala com bala".

A passeata aconteceu mesmo, dia 5 de março de 83, três dias antes do Dia Internacional da Mulher. A partir dela estava consolidado o Movimento Machista Mineiro — ou MMM, que já ocupou espaço em jornais do país inteiro, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha e até na rede de televisão americana NBC. E que já é "campeão" de vendas: em apenas uma semana, em março deste ano, e só na Belo Horizonte conhecida por seus crimes passionais, eles venderam cinco mil exemplares do "centíflio do machão", um livrinho de bolso.



Ilustração do "C. t. do Machão"

Mulher emancipada é mulher mal amada.

"O MMM é uma gozação para tirar um pouco da sisudez desta cidade mal humorada", afirma Mário Ladeira, o Jacaré, 43 anos, idealizador do Movimento. Os outros também estão na faixa dos anos 40 anos. São engenheiros, médicos, economistas, que têm em comum conceitos como estes: Sobre Amélia (a do Ataulfo Alves): "Nunca foi uma mulher submissa. É sim uma companheirona, ao lado do marido, provavelmente um desempregado." Sobre fidelidade: "Homem explicativo, obediente e pontual é chifrudinho em potencial." Sobre "homem feminino" (do Pepeu Gomes): "É um babaca. Esse pessoal novo é muito transcendental, mas se a gente quiser, fatura as companheirinhas deles numa boa."

O fato é que, brincadeira ou não, o Movimento Machão Mineiro tem trazido certo prestígio para quem carrega a bandeira. Alguns inconvenientes também. Mulheres que levantam das mesas só porque um deles sentou. Críticas de outros machões, como Ziraldo, que retegaram os rumos do movimento e até acusaram os antigos companheiros de "brincarem muito e pensarem pouco".

Apesar desses obstáculos, o Jacaré, que é engenheiro e diretor de relações públicas do maior time de futebol de Minas, o Atlético Mineiro, já anunciou que em 86 será candidato a deputado estadual "por um partido que ainda vai se formar, provavelmente com o dr. Aureliano Chaves". Ele vai precisar de pelo menos 30 mil votos. Isso não o assusta. Garante que vai puxar a plataforma: "A causa feminina. E conclui: "São as mulheres que vão me eleger." Será, Jacaré?

Miriam Christus e Letícia Sá Mota, de Belo Horizonte

Mulher, a que será que se destina?

Minhas amiguinhas: viajamos durante vários meses pela Europa e pelos países árabes e, como sendo apenas duas mulheres desacompanhadas de um homem, sempre encontramos as portas dos hotéis e casas de família abertas para nós. Chegando no Brasil, eis que uma noite, em Teresina (a cristalina cajuína do Caetano Veloso), cansadas e com os olhos doentes de conjuntivite, pedimos quarto e fomos recusadas em dois hotéis da cidade — por sermos mulheres... Hotel Esmeralda e Hotel Central.

Marlene Rodrigues e Inês Rieder

Criança não entra

• A Líder, único laboratório cinematográfico de São Paulo, resolveu fazer mais uma imposição a seus usuários: criança não entra. Isso significa que as cineastas que vão lá com os filhos buscar negativos revelados — e portanto ver a cópia na sala de projeção — não podem exercer seus direitos de consumidoras. Como se já não bastassem as imposições de preço...

I.C.

• Aproveitando a deixa de cima: outro dia fui com minha filha Júlia numa fábrica de roupas femininas. O porteiro me barra: "É proibido entrar criança!" "Como? Não pode ser! Mas isso é um abuso!" Falo com o gerente. É mesmo proibido. Nada feito. Indignada com o autoritarismo saio esbravejando. O porteiro solicita me dá palmadinhas no ombro: "Não se incomode não, dona, é que os patrões são judeus." Isso aconteceu na fábrica Lastri, em São Paulo.

Fúlvia Rosemberg



Voando no circo

O Circo Voador, do Rio, dedicou o mês de maio — das mães, das noivas, etc. — às mulheres. Quer dizer, ao lançamento do projeto "A mulher e o homem", com reflexão e debates sobre a mulher na história, especialmente no momento atual; sua relação com o homem; como se forma a cultura feminina; a distinção ou não dessa cultura em relação ao produto cultural masculino, o porquê das diferenças e como elas se expressam. Márcio Galvão, um dos animadores do Circo Voador, explicou que inicialmente o mês era dedicado apenas às mulheres, mas decidiu-se ampliar a programação também para o homem: "Tem mesmo o lado só da mulher, mas discutindo a transação com o homem a gente consegue muito mais, vai muito mais longe." Que bom que o Circo Voador — que há dois anos tem movimentado tanto a vida cultural do Rio, com uma injeção de energia e de capacidade de fazer — também esteja nessa!

Helena Salem, do Rio

Ana Cristina César (1952/1983)

Eu não a conheci, mas amigos meus sim. Falavam maravilhas dela. Eu conhecia sua poesia. Acompanhei cada verso seu que via publicado por aí, até que saiu *A teus pés*, da Brasiliense, reunindo poemas já publicados e outros inéditos. Com que prazer devorei aquelas páginas! Refinadas e secas, doces e fortíssimas ao mesmo tempo. Vou ficar de olho nessa moça, pensei, ler tudo que ela escrever. De repente, o espanto, a perda. Li na *Folha* a notícia da sua morte. Atirou-se da janela da área de serviço da casa de seus pais. Tinha trinta e um anos.

Cynthia A. Sartí

O PDS feminino

Depois da grande repercussão política que alcançou a caravana das mulheres de oposição a Brasília, o Departamento Feminino do PDS não quis ficar pra trás. Um grupo de elegantes senhoras foi dia 30 de abril exibir sua capacidade conciliatória ao presidente Figueiredo, pedindo a suspensão das medidas de emergência e alterações na política econômica. Todas posaram sorrindo para os fotógrafos, ao lado de seu presidente. As emergências continuaram.

I.C.

No Uruguai, pela primeira vez

Este ano, pela primeira vez as uruguiaias saíram às ruas para comemorar o Dia Internacional da Mulher. E viveram uma história parecida com a nossa, lá pelos idos de 75. Primeiro, foram várias reuniões de preparação do ato, com associações sindicais, partidos políticos de esquerda, entidades religiosas. "Não foi fácil elaborar uma plataforma ao gosto de todas. As feministas tiveram que explicar que o feminismo socialista não é pequeno-burguês", conta a jornalista Mercedes Sayagués, da *Fempres-ilet*. Uma semana antes do ato, o chefe de Polícia de Montevidéu nega autorização para a manifestação. Mesmo assim, na noite de 8 de março, cerca de 400 pessoas fazem uma concentração na Estátua da Liberdade, depositando ali uma flor. Dalí, saem numa marcha pela anistia, animadas com os rumores de que o general Liber Seregni, principal preso político uruguiaio, havia sido libertado. Pouco depois, uma brigada antichoque dissolve a manifestação. Apesar de tudo isso, "o balanço desta primeira comemoração do dia 8 de março, sob circunstâncias adversas e sem democracia, teve um saldo positivo para as mulheres uruguiaias", diz Mercedes Sayagués.

A.B.



Uma revista de família

Uma nova revista está na praça: **Psicologia e Comportamento**, editada pelo jornalista Carlos Moraes. É uma revista de orientação psicológica para a família. "A idéia — diz o editor — é valer-se de profissionais experientes para levar ao leitor leigo um conhecimento seguro e revelador dos processos psíquicos que estão por trás dos problemas que ele enfrenta no seu dia a dia."

A CEI da Mulher

Por iniciativa da vereadora Iredé Cardoso, do PT, a Câmara Municipal de São Paulo instalou uma Comissão Especial de Inquérito sobre a mulher. O objetivo da CEI é apurar as condições da mulher na cidade, e apresentar sugestões concretas para a superação dos problemas. A CEI foi instalada no dia 8 de março e o primeiro ciclo de depoimentos tratou da violência, constatando-se a total ausência de atendimento por parte das autoridades à mulher violentada.

Assine MULHERIO Você pode usar o talão.....

Aproveite essa sensacional promoção de relançamento: por apenas Cr\$ 7.500 — ou Cr\$ 15.000 para os mais generosos — você recebe o **Mulherio** em sua casa durante um ano. É fácil. Você pode nos enviar este carnê ao lado. Ou simplesmente ir até qualquer agência do Banco Itaú, com o carnê abaixo. Você deposita o dinheiro e já recebe na hora o recibo da assinatura, e depois pode descontar no imposto de renda. Qualquer dúvida, veja as instruções no verso.

ou este carnê:

nome	profissão
Estou enviando o cheque cruzado n.º _____ do banco _____ em nome do Núcleo de Comunicações Mulherio. data ____/____/____	
Para rua Amália de Noronha, 268, CEP 05410, São Paulo, SP	
Preciso de recibo <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	

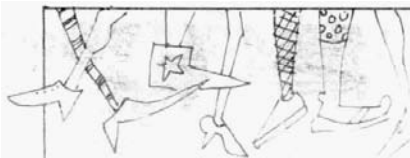
Banco Itaú S.A.	Depósito para Crédito em Outras Agências	Banco Itaú S.A.	Recibo de Depósito
Núcleo de Comunicações Mulherio	Conta _____ DAC _____	Favorecido	N.º e nome de agência
0444 - SP - Teodoro Sampaio			0444 - SP - Teodoro Sampaio
Endereço do assinante	CEP _____ Cidade _____ Estado _____		Conta 29782 DAC 4
Indique aqui qual a espécie de depósito que está realizando.			Este recibo refere-se ao pagamento da assinatura do jornal Núcleo de Comunicações Mulherio, pelo período de um ano (seis números).
<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro			<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro
<input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso			<input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso
Autenticação			Autenticação
Assinatura do assinante/depositante			
Depósito colhido conforme circular SC-7	Banco		Assinante/depositante

COZINHA

Essa vem de Paraty

Quem se interessa por saúde de mulher tem agora um bom material à disposição: o audiovisual "Aprender para viver melhor", com 91 slides coloridos desenhados por Miguel Paiva e o caderno "As Mulheres e a Saúde". Ambos são o resultado de uma experiência de dois anos com um grupo de mulheres da Ilha das Cobras e Parque da Mangueira, em Paraty, feita pela equipe do Projeto Mulher do Instituto de Ação Cultural — IDAC. Além de discutir a má qualidade do atendimento médico em hospitais e maternidade, a falta de informações da maioria das mulheres quanto aos cuidados com seu corpo para prevenir doenças, o audiovisual e o caderno falam também de gravidez, parto, contracepção e aborto. E não param aí. Também puxam outros assuntos como relacionamento do casal, violência dentro de casa, trabalho doméstico, virgindade, ressaltando a importância da participação comunitária e dos grupos de mulheres na discussão e resolução de problemas desse tipo. É um material bonito e estimulante apesar de muitas vezes, pecar pelo excesso de ditatismo.

O audiovisual está à venda por Cr\$ 20.000,00, o que cobre o custo de reprodução dos slides e envio pelo correio. O caderno está sendo distribuído gratuitamente aos grupos que tiverem interesse. Se este for o seu caso, escreva para IDAC, rua Visconde de Pirajá 550, sala 1404, CEP 22410, Rio de Janeiro, RJ. **Cecília Simonetti**



Lavando os pés

Sexta-feira da Paixão: o noticiário se demora nas cerimônias do lavapés realizadas em São Paulo por Dom Paulo Evaristo Arns e pelo Papa, em Roma; e é bonito ver aquele ato da humildade da alta hierarquia da Igreja perante simples homens do povo. De repente me dou conta: o ato é de humildade de homens para com homens, as mulheres nem sequer existem para a Igreja oficial, muito embora sejam a maioria entre os fiéis e responsáveis pelos serviços que sustentam a Igreja. Igualdade, justiça social: até quando a Igreja católica vai continuar pregando esses valores sem se dar conta da injustiça que carrega em si mesma?

I.C.

A Argentina, sem divórcio

"O Não ao Divórcio" na Argentina. No boletim de maio de 84 da **Fempres-Itet** Ana Maria Amado conta que a Argentina, apesar do governo democrático, continuará sendo por muito tempo um dos poucos países do mundo onde ainda não se admite a dissolução do casamento.

Os três projetos de lei apresentados recentemente no Congresso despertaram uma reação tão forte na Igreja Católica: "aquí a religião do Estado" — que afastaram toda a possibilidade de sua aprovação. Como diz Ana Maria, "a simples menção divorcista tornou verdes os empurpurados da hierarquia da Igreja a ponto de reverter a balança a seu

O mulherio na Itália

A coleção do **Mulherio** foi exposta em Bolonha, Itália, na exposição **Firmato Donna**, junto com uma vasta produção cultural das mulheres brasileiras e de outros países, de 26 de maio a 3 de junho. O Brasil participou com uma exposição de livros; uma mostra de fotos de Rosa Gauditano, Renata Falzoni e Nair Benedicto; projeções de curta-metragens e audiovisuais ("Só no Carnaval", de Eunice Gutman, "Retrato de mulher", de Carmen Barroso, "Pajens", de Fúlvia Rosenberg). Houve ainda um debate com a escritora Danda Prado e a cineasta Eunice Gutman sobre "A personagem feminina nas telenovelas brasileiras escritas por mulheres". E uma discussão sobre o projeto "Palagráfica", de Lucy Bouquet, Regine Ferrandis e Teca Aarão, que consiste na utilização de um computador com a finalidade de explorar as diferenças de escrita masculina e feminina.

Terror na Cidade Maravilhosa

Desde domingo à noite, muitos sentimentos correm pela cabeça. Primeiro o ódio, e a dor da contradição entre o velho sentimento de amor pela humanidade, fê no ser humano, e a raiva, a mesquinha deste ataque.

Não, não havia pressentido nada. Eu vinha tranquila para casa, como

se eu não morasse no Rio, ou em Nova Iorque, ou em Londres. Os vidros do meu carro estavam abertos, assim como a tranca da porta.

De manhã, na praia, por acaso havia encontrado o Carlos, e soube que teríamos dinheiro de uma agência internacional, a fundo perdido, para o nosso projeto. Mais tarde, almocei com amigos no clube. Tomei vários copos de vinho branco geladinho, e olhei a beleza do verde com minhas lentes de contato novas.

Não percebi nada estranho no carro que parou na minha frente. Um Passat, ou um Voyage, preto ou azul marinho. So sei que, rapidamente, dois homens entraram no meu carro. O que entrou ao meu lado, logo começou a gritar, a me xingar. Sua puta, sua vaca, vai ficar quietinha, vai ser boazinha e dar logo. Me agarrei ao volante e comeci a gritar. O moço, alto, moreno, forte, vestido de camisa vermelha, me estapeou e tentou calar minha boca com um beijo. Eu devolvi uma mordida e lhe puxei os cabelos com todas as minhas forças. Ganhei um outro tabefe.

O cara branquinho e franzino, que tinha entrado no banco de trás, começou a me dar socos na cabeça. Enquanto isso, o moreno forte tentava pegar meu seios e minhas coxas. Eu me sentia humilhada e violada, e berrava, e batia, e unhava a cara dele. O outro recomeçava a socar as minhas costas e minha cabeça. Eu arranhava, mordida e urrava.

Neste momento evacuei. De mais esta humilhação minha garganta soltou urros e mais urros. Foram tapas e mais socos, e da mesma maneira ligeira com que entraram no carro, saíram.

Eu coloquei de novo o carro em marcha, e vim, urrando e dirigindo para casa, pensando que estava viva, e que o mundo é grande. Comprei um mapa-mundi para colar na parede do meu quarto, ao lado da minha cama.

Relembrar que o mundo é grande e que sou boa caminhante.

Alice Freitas

Anuncie no MULHERIO
Ligue para (011) 881.0081 e fale com a Vera ou escreva para Rua Amália de Noronha, 268 - 05410 - São Paulo

TELEFONES
Com apenas Cr\$ 500.000,00 de entrada você pode ter seu telefone em sua residência. Temos vários planos até 20 pagamentos. Segurança absoluta. Pça. Civica, 29 (antigo Largo Tito) Lapa - São Paulo
LÍBANO TELEFONES 263.1200

escola e trabalho
creche
professores
política educacional
discriminação
família
universidade
educação sexual
Você encontra tudo isso em
CADERNOS DE PESQUISA
Assinatura: cr\$ 12.000,00
Pedidos com cheque nominal à Fundação Carlos Chagas — Av. Prof. Francisco Morato, 1565 — 05513 — São Paulo — SP.

ARTEBELA galeria de arte e molduras Ltda.
Gravuras de Volpi, Aldemir, Djanira, Tozzi, Renina, Fayga, Dara, etc. Desenhos e aquarelas de novos artistas. Todo tipo de moldura em madeira, alumínio, laca, ouro envelhecido, prata, etc. Atendemos na sua própria casa. Desconto de 20% com a apresentação deste anúncio. Rua Artur de Azevedo, 2102. Fone: 815.7786

Advogada
Zulaie Cobra Ribeiro, advogada criminal. Telefone (011) 351002 Endereço: Rua Labatinguera, 93, 2º andar, conj. 22., S.P.

MARTIN FIERRO
Empanadas e Alfajores Ltda.
Rua Wisard, 489 — Rua Medeiros de Albuquerque, 9, fone: 813-7284
Vila Madalena — São Paulo — SP
As melhores empanadas argentinas de São Paulo. Aceitamos encomendas.

MULHERIO
anúncios

MULHERIO

Instruções para Depósito

Este depósito pode ser efetuado em qualquer agência do Banco Itaú, de acordo com a circular interna do Banco SC7.

Se você não quiser recortar seu jornal para fazer a assinatura, é simples: vá a qualquer agência do Banco Itaú e preencha um formulário de depósito para crédito em outras agências, modelo 1721, ou uma solicitação de ordem de pagamento modelo 88, para crédito na conta 29782-4, em nome de Núcleo de Comunicações Mulherio, agência 0444-SP-Teodoro Sampaio.

Para isso você não terá qualquer despesa adicional, pagando apenas o valor da assinatura. Acrescente no formulário, por favor, sua profissão e idade, para fins de cadastramento de nossos assinantes.

Relação de cheques entregues para depósito	Série e nº do cheque	Nº banco	Valor



Tomaram posse dia 6 de abril no Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo as militantes negras Tereza Santos (titular) e Vera Lúcia Siqueira Saraiva (suplente), numa cerimônia que contou com a presença maciça de representantes do movimento negro. A incorporação de Tereza e Vera Lúcia vem preencher uma lacuna existente no corpo do Conselho, dando início ao diálogo e colaboração entre mulheres brancas e negras — mais que necessário para a saúde do movimento de mulheres nesta Pais de face mulata.

Sobre o 13 de maio,

tradicionalmente comemorado como "Dia da Libertação dos Escravos", Tereza diz: "Comemoramos o quê? na condição de miséria em que vivem os negros? Até o 13 de maio o senhor de escravos tinha pelo menos o dever moral de dar alimentação e colocar um tapa-sexo no negro. No dia 14 de maio tem início a mendicância no Brasil, com a ida de levadas e levadas de negros para a cidade, sem que se tivesse criado nenhuma oportunidade de sobrevivência "liberta" para eles. Não houve libertação do negro brasileiro, assim como não houve libertação do povo brasileiro."



Não é mesmo, dona Ester?

Era preciso que o país não virasse um zoológico: quiseram equilibrar as hordas de símios que nos invadiam, com as estatísticas de um povo instruído. Abriam-se facultades pelo mundo afora. Foram muitas. De preferência particulares, aquelas que pediam menor investimento e permitiam lucro gordo. Sabe como é, aqueles cursos que mulher costuma frequentar.

Como tantas outras ela seguiu um secundário que permitia entrar numa dessas facultades: Letras, História, Psicologia. Tantas outras lá estavam. Algumas diziam até que era por vocação... A crise bateu forte. Sem emprego e sem dinheiro ela descobriu tardiamente, como qualquer dona de casa, que bem no cantinho da embalagem estava escrito: sem pagamento em dia estudante não existe. E aí começou a luta judicial de Marlene Vaz contra o Instituto Newton Paiva Ferreira (Belo Horizonte) para que fossem reconhecidos seus direitos: pagou as mensalidades atrasadas e queria de volta sua mercadoria. Que sua vaga fosse mantida, seus créditos e sua frequência reconhecidas.

Mas a escola contestou usando preciosa lógica simiesca: a frequência da aluna "só é válida quando comprovada através do diário de classe e, ainda que fosse regular, a inadimplência do pagamento lhe retiraria o direito de ser comprovada". Isto é, sem pagamento em dia Marlene virou fantasma. O processo engorda com pareceres, recursos e apelações. E a Delegacia Regional do Ministério de Educação em Minas Gerais manifestou-se contrariamente à aluna.

Falando claro, seria preciso que os mecanismos de defesa do consumidor não se restringissem à venda de eletrodomésticos e latarias, mas atingissem também a venda de instrução. Não é mesmo, Dona Ester?

Fúlvia Rosember

Você pode ajudar?

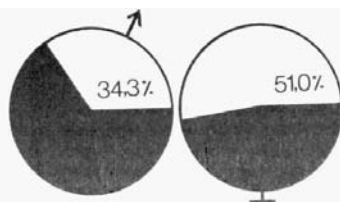
Uma mãe, cuidando da filha doente é abandonada pelo marido, que abandona também os filhos. A filha epilética cresce e se torna uma adolescente bonita, apesar do retardo mental. Pobre, a mãe trabalha fora para sustentar a casa e conta que um dia "aconteceu o imprevisito: ela (sua filha) ficando só em casa e saindo para a rua para comprar alguma coisa, apareceu um indivíduo que passou a lhe oferecer refrigerante e doces e mais ameaça, levou ela até sua casa e se aproveitou dela. Consegui explicação dela pois não tendo a condição mental como as outras crianças me confessou tudo".

A polícia não resolveu nada, a "justiça" também não, o pai nada fez dizendo esperar a Justiça. A mãe, revoltada, escapou por um triz de ser internada num Hospital Psiquiátrico. No fim de maio esteve na 51ª Delegacia, do Rio Pequeno (SP) para saber se chegaram os exames do Instituto Médico Legal. Na delegacia disseram que estão investigando para saber se o agressor foi o primeiro ou não, se ela não foi culpada, se não se ofereceu para o homem, se tem uma "vida regular". A menina agredida tem 17 anos e tem sua idade mental avaliada em torno de 12 anos.

Mais um drama vivivo por mulheres anônimas na maior cidade d América do Sul. Doraci Rovari, desencantada de todos os outros recursos, pede ajuda a este jornal.

I.1

Trabalhadores do Brasil



Homens e mulheres que ganham até o salário mínimo mensal, em 1980 (gráfico elaborado por Cristina Bruschini).



pitadas

■ A Swissair quebrou o tabu. Pela primeira vez, uma empresa aérea está tratando mulheres para pilotar jatos.

■ Uma missa na Igreja da Consolação, em São Paulo, marcou o primeiro aniversário do assassinato de Jane de Grammont pelo cantor Edson de Castro. Ele continua em prisão domiciliar.

● Norma Benguel vai viver Pagu, um filme que será produzido ainda este ano.

★ Já vai longe o tempo em que os homens diziam: "Mulher minha não balha fora..." Uma pesquisa feita na Folha de S. Paulo em março constatou que 75,7% dos homens e 92,2% das mulheres são contrários ao trabalho feminino fora de casa. É a crise econômica mudando valores.

★ O grupo Brasil Mulher, de São Paulo, lançou em março o **Maria Maria**, "um jornal aberto, sem preconceito, que vai tratar tudo com bom humor". **Mulherio** lhes deseja sorte! Para contatos: Caixa Postal 59, CEP 40.000, Salvador, BA, ou telefone (071) 247-4969.

■ **Maria Maria** é também o nome de um boletim lançado pelo Movimento Mulheres 8 de Março, de Curitiba. O primeiro número, de março, traz uma ampla matéria sobre planejamento familiar e se incorpora à campanha das diretas já. Para contatos: telefone (011) 262-7762. Boa sorte pra vocês também!

■ Triste vingança. Inconformado por estar separado da ex-mulher, o jornalista desempregado José dos Santos Pereira, 26 anos, sequestrou e matou por asfixia o filho de ambos, Roberto Carlos, de um ano. O crime aconteceu no Parque Novo Mundo, em Iguape, SP.

agenda

II Encontro Nacional de Grupos Feministas

O CIM — Centro Informação Mulher está organizando o III Encontro Nacional de Grupos Feministas, em São Paulo, durante a realização do encontro anual da SBPC. Os primeiros encontros foram realizados em 82, em Campinas, e em 83, em Brasília. Como o congresso da SBPC vai de 11 julho, o CIM está pensando no fim de semana anterior para realizar o encontro feminista. Se você tiver sugestões sobre o encontro, escreva com urgência para a Caixa Postal 11.399, CEP 05499, São Paulo, SP.

SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Durante o encontro anual da SBPC, pelo menos duas atividades vão estar relacionadas diretamente à questão feminina. Eva Alterman Blay, presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina, e Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, vão coordenar a mesa-redonda "A mulher nos primeiros tempos da USP". E Maria Malta Campos, da Fundação Carlos Chagas, coordenará uma sessão de comunicação sobre "A educação da criança pequena em creches".

II Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe

Durante o II Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe, em Lima, Peru, em julho passado, todas as participantes decidiram que São Paulo seria a sede do próximo Encontro, em julho de 85. Com o objetivo de garantir a infraestrutura para sua realização, um grupo de paulistas que esteve em Lima organizou-se em comissão provisória. São elas a Bia, Fernanda, Jajá, Márcia, Miriam e Silvia. A comissão está aguardando sugestões, idéias e maior participação das companheiras de São Paulo e dos outros Estados. Para contatos, escreva à Caixa Postal 11.349, CEP 05499, São Paulo, SP.

O balanço da Década


A ONU já está tomando as providências para a realização da grande Conferência Mundial de 1985, para fechar e promover um balanço dos resultados obtidos pelas mulheres nestes 10 anos dedicados à luta pela igualdade, paz e desenvolvimento. Esta conferência deverá promover um grande fórum de debates e a discussão de novas estratégias para daqui até o ano 2.000. Temas em destaque: igualdade, desenvolvimento e paz, e os sub-temas emprego, saúde e educação. O local, conforme decisão tomada na Conferência de Copenhague, em 1980, será Nairobi, no Quênia, mas ainda não foi definitivamente confirmado pelas organizadoras. A coordenadora, para contatos e informações, é Ms. Virginia Hazzard, NGO Planning Committee for the 1985 World Conference, 777 United Nations Plaza, 11th floor, New York, N.Y. 10017, U.S.A.

de volta!

MULHERIO

Ano IV, nº 16, São Paulo, maio/junho 1984, Cr\$ 1.500,00

**CORA CORALINA,
JUQUERI,
OLIMPIADAS,
UMA
LOUCURA!**



VIUVA
DAS
INDIRETAS